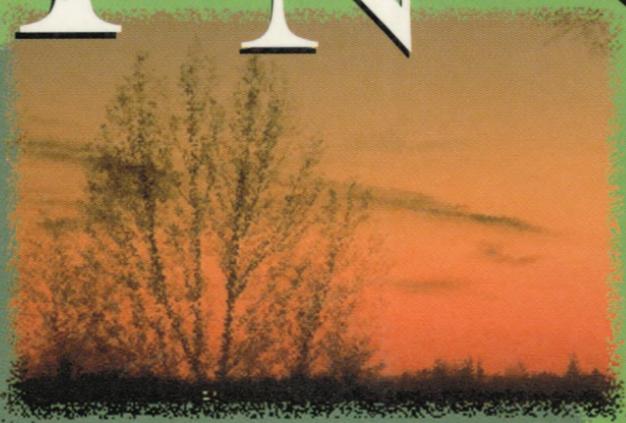


Vida



# EVANGELIZEMOS O MUNDO



Oswald Smith

---

# **EVANGELIZEMOS O MUNDO**

**OSWALD SMITH**

**Vida**  
EDITORA

*Dedicados à Excelência*

ISBN 0-8297-2137-1

Categoria: Missões

Este livro foi publicado em inglês com o título  
*The Cry of The World*, capítulos VII a VIII

1969 por Instituto Bíblico das Assembléias de Deus (IBAD)  
1996 por Editora Vida (13ª edição)

2ª impressão, 1996

2ª impressão, 1996

2ª impressão, 2001

Tradução: João Marques Bentes

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por  
Editora Vida, rua Júlio de Castilhos, 280  
3059-000 São Paulo, SP — Telefax: (11) 6096-6814

As citações bíblicas foram extraídas da Edição  
contemporânea da Tradução de João Ferreira de  
Almeida, publicada pela Editora Vida.

APA: Idéia Dois

Fado a:



Impresso no Brasil, na Imprensa da Fé

# CONTEÚDO

---

Prefácio .....	5
1 - Como Podemos Evangelizar o Mundo Nesta Geração? .....	9
2 - Os Métodos de Paulo.....	21
3 - A Tríplice Ordem de Cristo .....	31
4 - A Chamada Missionária .....	39
5 - A Preparação dos Missionários .....	47
6 - As Dificuldades dos Missionários .....	51
7 - O Programa Missionário.....	61
8 - Princípios Missionários Fundamentais .....	65
9 - As Religiões dos Pagãos Seriam Boas Para Eles? .....	73
10 - Missões Por Meio do Evangelismo .....	81
11 - Nossos Lemas Missionários .....	89

# PREFÁCIO

O Pr. Smith trabalhou em setenta países a “serviço do Rei”. Ele ouviu o clamor: “Evangelizemos o Mundo”, e a ele atendeu. O Pr. Smith sabia que só existe uma Pessoa que pode derramar o bálsamo nos corações feridos. Por isso, esse homem de Deus perseguiu um único propósito. Seu objetivo primordial sempre foi satisfazer as necessidades espirituais do mundo, pondo as multidões em contato direto e pessoal com Cristo.

Por quase meio século tive o grato privilégio de estar ligado a missionários e líderes de missões em mais de cinquenta países. Nenhum desses homens e mulheres de Deus exibiu o grau de discernimento quanto às questões vitais das missões demonstrado pelo Pr. Smith, segundo a visão que o Senhor lhe deu.

Alguns apenas tocam nas beiradas do problema. O Pr. Smith vai ao âmago do problema. Nas páginas que se seguem o leitor se familiarizará com o pensamento de um homem que, com razão, tem sido chamado de “o principal missionário — estadista desta geração”.

O Pr. Smith efetuou todo o seu trabalho tendo em vista a necessidade de evangelizarmos o mundo. Ele foi compositor de grandes e belos hinos. Ele compôs um que diz ao

mundo que “Deus Compreende”. Para o mundo preparar-se, ele prega “Então Jesus Vem”. Mediante a conversão, as almas libertadas passam a conhecer “A Glória de Sua Presença” e “O Cântico da Alma Libertada”. Para um mundo sofredor o Pr. Smith compôs “O Salvador Pode Solucionar Todos os Problemas”.

Todos os seus livros foram escritos em resposta à necessidade que determina nosso trabalho: “Evangelizemos o Mundo”. E *O Homem que Deus Usa* mostra como a *Paixão Pelas Almas* é um testemunho sobre a intervenção de Deus em favor de um mundo que, sem Sua graça, pereceria.

Esse clamor universal de seu coração levou o autor a realizar um ministério de evangelismo em muitas regiões do mundo. Em sua pátria, cada membro da sua igreja sentia o pulso e a paixão desse guerreiro de Deus. Sua igreja contribuiu para o sustento de centenas de missionários. *O povo de sua igreja tem contribuído com muitos milhões de dólares para a causa.*

Além de destacar-se como compositor de hinos, o Pr. Smith também edificou a mais operosa igreja evangélica do Canadá. Foram distribuídos muitos milhões de exemplares de seus livros. Seu trabalho na área de evangelização e de Estudos Bíblicos tem abençoado milhares de pessoas. Para milhares de crentes ele é o “*Sr. Missões*”.

No cumprimento de sua visão ministerial, ele foi obrigado a sofrer o isolamento de seus entes queridos, viajando sozinho para países longínquos.

Ao folhear este livro, lembre-se o leitor de que não foi escrito por um novato inexperiente. Foi escrito na maturidade de um ministério bem sucedido, que se prolongou com destaque divino por mais de meio século. Este homem viveu — na verdade, consumiu-se — na “magnífica obsessão” de tornar Cristo conhecido pelo mundo inteiro.

Lá nos recessos da sua alma ele ouviu “O Clamor do Mundo” e sentiu a necessidade de que “Evangelizemos o

Mundo". Esse clamor e essa necessidade não lhe permitiram ter descanso, até pisar aquela praia santa, até ouvir "Sê Bem-vindo em Tua Casa, Guerreiro Fiel", dos lábios daquele a quem ele amou acima de todas as coisas.

Rev. Jack McAlister



## Capítulo 1



# COMO PODEMOS EVANGELIZAR O MUNDO NESTA GERAÇÃO?

Se eu tivesse de escolher um texto que enfatizasse nossa obrigação de pregar o evangelho, selecionaria o de Marcos 13:10: “Mas primeiro o evangelho deve ser pregado a todas as nações”.

Observe as palavras-chave: **Primeiro, evangelho, pregado, todas, nações.**

Eu gostaria de analisar detidamente essas palavras-chave, uma a uma. Todas se revestem de tremenda importância. No entanto, só preciso realmente expor uma delas, e de fato só deverei destacar uma palavra: “pregado”. “Mas primeiro o evangelho deve ser *pregado* a todas as nações”.

Estou convencido de que o plano de Deus é que cada indivíduo tenha o Evangelho no seu próprio idioma. No entanto, existem duas mil línguas nas quais nenhuma porção da Palavra de Deus foi traduzida. Em inglês contamos com mais de quinhentas revisões. Por que a alguns povos se nega a Palavra de Deus?

Você já percebeu que deve tudo quanto você é à página impressa? Não fora a Palavra de Deus, você não seria crente. As Escrituras nos asseguram: “De sorte que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Romanos 10:17). Como poderemos acalentar a esperança de que os

## 10 *Evangelizemos o Mundo*

pagãos ouvirão o evangelho e serão salvos, se nem ao menos possuem a Palavra de Deus?

O que foi que a Reforma nos deixou como herança? Talvez alguém responda que herdamos a pregação de Martinho Lutero. Não acredito nisso. Martinho Lutero escreveu quase cem livros e os fez circular por toda a Europa Ocidental. Em resultado dos *escritos* de Martinho Lutero, a Reforma Religiosa teve início. Onde estaria você hoje se não fosse a Reforma Protestante? A Era das Trevas ainda estaria nos cobrindo; e você, com toda a probabilidade, seria um católico-romano.

Acredito que o maior de todos os milagres de nossa época e geração, é o aumento crescente da alfabetização ao redor do globo. Você consegue fazer uma idéia de quantas pessoas aprendem a ler todas as semanas? Voulhe dizer: Três milhões de pessoas aprendem a ler a cada sete dias. E que significa isso? Significa que cento e cinqüenta milhões de pessoas, que no ano passado não sabiam ler, hoje sabem ler. Trata-se de um contingente anual de novos leitores igual à população do Brasil!

Isso jamais aconteceu antes, nos seis mil anos de história da humanidade sobre a face da terra. Até os primeiros dias deste século, somente um punhadinho de pessoas tinha o privilégio de saber ler, em comparação com as vastas multidões de analfabetos.

### **Os Comunistas Haviam Percebido o Caminho**

Perguntamos, porém: Que é que esses novos leitores estão lendo? Os comunistas têm a resposta. Eles conhecem o poder da página impressa.

Você sabia que os comunistas imprimiam duas peças de literatura por ano, para cada homem, mulher, menino e menina que havia sobre a face da terra? Que outra instituição política, religiosa, filosófica, ou nação fez algo

parecido com isso? Nenhuma. Somente os comunistas.

Ora, os comunistas até se ufanam de haver conquistado a China por meio da página impressa! E durante vinte e cinco anos, antes da Revolução Russa, os comunistas derramaram sua literatura por toda a Rússia.

Há alguns anos, as Nações Unidas divulgaram o número de diferentes títulos de livros impressos por cinco das nações líderes do mundo, em certo ano. Que nação julga você ter aparecido em primeiro Lugar? A Rússia. A Rússia em primeiríssimo lugar, com sessenta mil títulos diferentes.

E que nação apareceu em segundo lugar? A nação mais alfabetizada da face da terra — o Japão — com vinte e quatro mil títulos. A Grã-Bretanha figurou em terceiro lugar, com dezenove mil títulos; e a Índia em quarto lugar, com dezoito mil títulos. E que nação pensa você ter aparecido por último dentre essas cinco? Os Estados Unidos.

Nesse ano a que se refere a estatística, os Estados Unidos haviam impresso apenas doze mil títulos diferentes. Diga-me, então, agora: Qual dessas nações acredita mais no poder da página impressa? Serão os Estados Unidos, com doze mil títulos, ou a Rússia, com sessenta mil?

Você sabia que nesse mesmo ano a Rússia imprimiu nada menos de um bilhão de volumes, e traduziu cinco mil títulos diferentes? Durante o mesmo período, os Estados Unidos traduziram apenas oitocentos, e a Grã-Bretanha traduziu somente seiscentos. Novamente pergunto: Qual a nação que acredita mais no poder da página impressa?

O neto de Gandhi — o Gandhi da Índia — disse certa vez, em Los Angeles: “Os missionários ensinaram-nos a ler, mas os comunistas nos deram os livros”. Convido você a pensar um pouco nisto: “Os missionários ensinaram-nos a ler, mas os comunistas nos deram os livros”. Por que

os missionários não lhes deram também os livros?

Porque as igrejas evangélicas que enviaram aquele missionários não tinham visão. Eram espiritualmente míopes. Falharam, não pondo a munição certa nas mãos de seus missionários. Resultado: ensinaram o povo a ler e viram os comunistas chegarem com abundante material de leitura.

### **As Testemunhas de Jeová Agem Eficazmente**

Vou lhe confessar uma coisa quase inacreditável: As seitas heréticas usam métodos eficazes.

Não sei se você sabe que as Testemunhas de Jeová possuem a maior gráfica religiosa do mundo. Você já sabia disso? Por que razão a Igreja Cristã não possui a maior gráfica religiosa do mundo? Simplesmente porque a Igreja Cristã nunca se apercebeu do valor da literatura.

Você sabe quantas revistas a gráfica das Testemunhas de Jeová imprime a cada minuto? A cada sessenta segundos somente essa gráfica imprime centenas de revistas (milhões de exemplares em um único ano). E por onde circulam essas revistas? Não só pelo mundo de língua inglesa, mas por todo o Oriente, na Ásia, na África e na América do Sul — em inúmeras línguas.

Será que as Testemunhas de Jeová estão obtendo êxito? Será que vale a pena promover a página impressa? As Testemunhas de Jeová organizaram uma reunião de batismo em Nova Iorque, há algum tempo, e somente nessa concentração foram batizados sete mil cento e trinta e seis novos adeptos.

A propósito, quantos novos cristãos a sua igreja batizou neste ano? Quantos novos convertidos foram batizados por todas as igrejas evangélicas no Brasil? Talvez nem a metade desse número.

O ponto que queremos enfatizar é o seguinte: As pessoas

aderem à causa das Testemunhas de Jeová convencidas por meio da página impressa. Então, a literatura paga bons dividendos? As Testemunhas de Jeová pensam que sim.

Você já viu os pequenos e baratos Salões do Reino que as Testemunhas de Jeová usam? Jamais se soube que eles houvessem edificado uma catedral. Por quê? Porque percebem que a mensagem é muitíssimo mais importante do que o edifício. Portanto, eles investem o seu dinheiro na mensagem que pregam, e não em edificações.

É justamente nesse ponto que a Igreja Cristã vem cometendo seu maior erro. Investimos o nosso dinheiro em edifícios, em vez de em nossa mensagem. A mensagem é dinamite. "... não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação..." O edifício não é o poder. O poder está na mensagem.

De acordo com o Concílio Nacional de Igrejas, somente em um ano foram levantados nos Estados Unidos da América seis mil novos templos, ao custo total de um bilhão de dólares. Quando li isso, disse com os meus botões: como eu gostaria de fazer cessar esse programa de construções, por apenas doze meses, e administrar à minha moda esse bilhão de dólares. Se eu pudesse investir esse bilhão de dólares na mensagem, acredito que este mundo poderia ser evangelizado em poucos anos.

Entenda-me: Não me oponho à edificação de novos templos. Mas penso que deveríamos edificar templos adequados, conforme as nossas necessidades. Sou contrário à edificação de catedrais luxuosas, quando o mundo necessita tão desesperadamente da mensagem da salvação de Deus.

Você sabe o que eu preferiria fazer com um bilhão de dólares? Poria um exemplar do Novo Testamento em cada lar existente na face deste mundo. Esse dinheiro seria suficiente para isso.

Quantos santuários de igrejas cristãs havia quando o apóstolo Paulo deu início à sua grande obra missionária?

## 14 *Evangelizemos o Mundo*

Nenhuma. No entanto, pensamos que temos de contar com sedes nacionais antes de podermos fazer qualquer outra coisa. Mas Paulo se atirou à obra missionária antes mesmo de haver sido erigido um único templo cristão.

Meu amigo, teremos de decidir se investiremos o nosso dinheiro na construção de santuários ou na divulgação de nossa mensagem; se queremos uma igreja confortável, luxuosa, ou se queremos evangelizar o mundo.

E os Adventistas? Em um único ano os Adventistas do Sétimo Dia investiram vinte e um milhões de dólares na página impressa, em duzentos idiomas diferentes. Pelo jeito eles também crêem no poder da mensagem impressa.

### **Cruzada Mundial de Literatura**

Foi por isso que me interessei profundamente pela Cruzada Mundial de Literatura. A sua finalidade é colocar a mensagem do Evangelho em cada lar de cada país. Querem atingir cada família e, finalmente, cada pessoa. Trabalham de maneira sistemática, a fim de que ninguém seja negligenciado na distribuição do evangelho.

As mensagens não são impressas nos Estados Unidos, para que não sejam estranhas aos leitores. Por causa da maré crescente do nacionalismo, as pessoas não aceitam nada que pareça vir do estrangeiro.

As mensagens são impressas nos países que estão sendo evangelizados, isto é, nos países onde se faz a distribuição da literatura, porque os custos são bem menores: Menos de um quinto do custo nos Estados Unidos.

Quanto é que os missionários pagam por essa literatura? Absolutamente nada. Obtêm a literatura gratuitamente. Tudo quanto precisam fazer é declarar que vão distribuir a literatura por todos os lares de seu território.

Você sabia que há cento e seis denominações e sociedades missionárias que cooperam, atualmente, com essas cruzadas que visam a cobertura de todos os lares? Praticamente todos os movimentos evangélicos do mundo estão colaborando.

As peças de literatura são impressas aos milhões. É uma tarefa de âmbito mundial, e por isso requer uma visão de escopo mundial.

Essa tarefa está quase terminada no Japão. Noventa por cento dos lares, onde vivem cento e vinte e um milhões de pessoas, têm recebido a mensagem do Evangelho. E os resultados? Os japoneses escrevem continuamente, solicitando matrícula em um Curso Bíblico por Correspondência. E pedem mais e mais literatura evangélica, ou perguntam acerca do caminho da salvação.

Na Coréia do Sul, pelo que sei, todos os lares podem ouvir a mensagem evangélica. E qual o resultado ali? Milhões de coreanos escrevem a fim de confessar seu interesse pelo Evangelho, pedindo literatura adicional e solicitando matrícula em um Curso Bíblico por Correspondência.

Como é que você poderia obter resultados como esses, usando outro método? Todos os missionários de um país qualquer, ainda que unidos, não poderiam produzir tais resultados, sem a utilização da literatura. A página impressa é o método de Deus para o nosso dia e para a nossa geração.

Jesus definiu nosso objetivo, ao dizer "... toda criatura..." A melhor maneira de atingir "toda criatura" é entrando em cada lar, falando a cada família. É por isso que damos o nosso apoio a Wycliffe Bible Translators. Eles estão obedecendo à ordem divina de dar a Palavra de Deus a cada tribo. Pelo que sei, não há outro modo de cumprir a ordem do Senhor.

Em algumas áreas do mundo ganhar uma alma para Jesus Cristo por meio da página impressa custa apenas quarenta e nove centavos, o preço de um Evangelho de

João em 1996. Podemos ter certeza de que não há meio mais barato de levar avante a obra missionária. Se pudermos colocar, sistematicamente, uma cópia da Palavra impressa, em cada casa de todos os países, teremos atingido "... toda criatura..." do mundo, pois levamos a mensagem a cada membro de cada família.

Os nossos missionários poderiam organizar grupos de obreiros a fim de enviá-los de porta em porta, de casa em casa, levando a mensagem do Evangelho. Esse era o método de Paulo, pelo que é o método bíblico. Ele evangelizava de casa em casa, a fim de poder levar a cada criatura a mensagem do Evangelho. Não podemos fazer nada melhor do que isso, nem menos do que isso. Sigamos o exemplo de Paulo.

### **Nos Países sob o domínio da antiga União Soviética, agora extinta.**

Meus livros, até o momento, foram traduzidos para muitos idiomas diferentes, e o número de novos idiomas cresce continuamente. Minhas mensagens de evangelização estão sendo publicadas em centenas de milhares de folhetos. Acredito que depois de os folhetos terem sido distribuídos, deveríamos distribuir livretos contendo uma mensagem de evangelização.

Faz algum tempo que três dos meus livros foram publicados no idioma polonês, em Varsóvia, ainda no tempo da temível Cortina de Ferro. Isso foi um milagre. Agora meus livros estão sendo distribuídos pela Polônia inteira, pelas muitas igrejas que voltaram a funcionar. Se eu não puder enviar missionários, pelo menos posso enviar-lhes o Evangelho. O Evangelho é que é o poder de Deus para a salvação.

Há algum tempo certa Escola Bíblica dos Estados Unidos enviou os seus estudantes a uma rua muito

movimentada a fim de distribuírem folhetos evangélicos às pessoas. Você sabe o que aconteceu? No espaço de dez minutos a rua inteira ficou coberta de folhetos. As pessoas os recebiam, davam-lhes uma espiada, viam que eram apenas folhetos evangélicos, e então os rasgavam e os atiravam ao chão. Veja quanto a página impressa é apreciada nos Estados Unidos!

Tenho viajado por diversos países estrangeiros. Nesses países tenho distribuído folhetos evangélicos por toda parte. E vi milhares de folhetos serem distribuídos. Você sabe que nunca vi um nativo desses países rasgar um folheto evangélico ou um livreto que trate da salvação?

Quando se oferece ao habitante de um país estrangeiro um folheto ou livreto, ele geralmente agradece de modo muito cortês, e em seguida o lê — sem constrangimento algum — no trem, no ônibus, no bonde ou em praça pública. Nos países estrangeiros aprecia-se a literatura. Essa é a razão por que estou investindo o meu dinheiro em “literatura cristã em línguas estrangeiras”, e não em literatura para consumo nos Estados Unidos.

Em um de nossos campos missionários na Rússia, o líder da missão convocou todos os pastores e missionários para virem à frente. Então, tomando um de meus livros, traduzido e impresso no idioma russo, arrancou-lhe a capa e desfez os cadernos, de modo que pudesse dar umas folhas a cada missionário ou pastor. As folhas foram guardadas com grande cuidado e levadas ao interior do país.

Lá, os missionários e pastores reuniram os aldeões e leram a eles as palavras impressas, mesmo sem saber o que tinha sido escrito antes ou depois. E cada folha foi lida e relida até ser decorada. Sim, onde há fome da Palavra de Deus, ela é entesourada como ouro.

Basta que alguém tome um automóvel, encha-o de folhetos evangélicos e percorra o interior da França, da Itália, ou de qualquer país, e os distribua. Eis um minis-

tério que o crente exercerá para a eternidade, ainda que seja incapaz de pregar no idioma daquele povo. Deus usa a página impressa.

### **“Dai-nos os Instrumentos”**

Aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial. A França havia se rendido aos alemães. Os Estados Unidos ainda não haviam entrado na guerra. A Grã-Bretanha estava resistindo sozinha, de costas contra a parede, esperando a invasão iminente. Sir Winston Churchill, o primeiro-ministro inglês, resolveu falar diretamente ao povo norte-americano. Eu guiava numa auto-estrada, tendo ao lado minha esposa. Encostei o carro no acostamento e desliguei o motor, a fim de não perder nem uma só palavra de Churchill. O rádio do carro estava sintonizado na BBC de Londres.

O primeiro-ministro inglês falou apenas dois ou três minutos, porém declarou algo de que eu jamais me esqueceria, desde aqueles dias até hoje. Sr. Winston Churchill, dirigindo-se ao povo norte-americano, disse: “Dai-nos os instrumentos, e nós terminaremos o trabalho”.

A partir daquele dia tenho percorrido o país em toda a sua extensão, de norte a sul e de leste a oeste, falando perante igrejas de todas as denominações evangélicas, em favor dos nossos milhares de missionários evangélicos. E minha mensagem é exatamente essa: “Dai-nos os instrumentos, e nós terminaremos o trabalho”.

Digo-lhe agora a mesma coisa. Tão logo chegue o dinheiro que você nos enviar, expediremos a mensagem. Seremos tão rápidos quanto possível. Temos os obreiros. Temos a organização. Temos o evangelho de Cristo. Tudo de que precisamos são os fundos com os quais possamos realizar a obra. Você já investiu seu dinheiro na página

impressa? você já contribuiu com algo significativo para que enviemos a mensagem cristã? Que Deus o ajude a fazer o que você puder. "Dai-nos os instrumentos, e nós terminaremos o trabalho".



## Capítulo 2



# OS MÉTODOS DE PAULO

O Movimento Voluntário dos Estudantes adotou o seguinte lema: “A Evangelização do Mundo AGORA”. Estou perfeitamente lembrado do entusiasmo de John R. Mott, Sherwood Eddy, Robert E. Speer e outros, nos meus dias de estudante. Foi há dezenas e dezenas de anos, mas o mundo continua não-evangelizado. Qual a causa do fracasso? Porventura o Movimento Voluntário dos Estudantes lançou-se a uma tarefa impossível? Não. A evangelização do mundo é **possível se** o plano de Paulo for adotado e executado.

Faz mais de quatrocentos anos que enviamos missionários para que sirvam de pastores de igrejas estrangeiras, e assim a ordem estabelecida por Deus tem sido invertida. Nossos métodos evangelísticos não têm sido bíblicos. Por conseguinte, o mundo continua longe de ser evangelizado, a despeito de todos os nossos esforços.

Paulo, o maior e mais bem sucedido missionário que o mundo já viu, nunca fez a obra de um pastor. Ele viajava, pregava, ganhava novos convertidos, organizava congregações, punha-as sob lideranças nativas, e passava adiante. Não procurava alterar a cultura e os costumes dos povos. O Evangelho é que faz isso, sempre que necessário.

## 22 *Evangelizemos o Mundo*

Paulo impunha responsabilidade aos próprios nativos: fundava igrejas que se auto-sustentavam e se auto-propagavam, e isso desde o início. O apóstolo não fundava escolas, não levantava hospitais nem erigia templos. Os nativos proviam suas próprias necessidades.

### **Métodos Missionários**

Durante as minhas excursões evangelísticas pelo mundo, fiz um estudo acurado sobre os métodos missionários. Em muitos campos pagãos encontrei missionários estrangeiros atuando como pastores de igrejas nativas, algo desconhecido nas Escrituras. Em determinado país, para exemplificar, visitei certo número de líderes que haviam sido enviados como missionários havia já vinte, vinte e cinco e até mesmo trinta anos atrás.

Esses homens se tinham estabelecido em várias aldeias ou cidades e, após terem pregado por algum tempo, e conquistado certo número de convertidos, organizaram-nos em congregações locais. Depois, durante o resto do tempo, decorridos todos os anos a partir desse evento, permaneceram como pastores. Conseqüentemente a influência desses missionários não se estendeu além dos limites de seu trabalho local.

Não quero com isso insinuar que esses missionários não fizeram um bom trabalho. É certo que foram uma bênção para as respectivas localidades de suas congregações. Porém, após várias dezenas de anos de serviço, são forçados a admitir que os países onde trabalharam durante tanto tempo e, em alguns casos até mesmo as cidades onde habitam, continuam necessitando de evangelização. Que tragédia! Tornaram-se pastores estrangeiros de igrejas nativas, ao invés de evangelistas itinerantes paulinos.

O que, então, deveriam ter feito? Deveriam ter seguido

o exemplo de Paulo. Deveriam ter conservado em mente, sempre, a evangelização do país inteiro, adotando os métodos bíblicos pelos quais teriam realizado essa tarefa. A única tarefa ligada à obra evangelística missionária, no estrangeiro, consiste em treinar obreiros nativos, delegando a estes a responsabilidade pastoral. Os próprios crentes locais devem ser devidamente treinados e a seguir nomeados evangelistas, pastores ou mestres, de conformidade com os seus dons, e motivados a edificar em Cristo sua própria nação.

Noutras palavras, os nativos é que deveriam ser ordenados pastores e presbíteros e professores, ocupando cargos de responsabilidade nas igrejas. Cada congregação deveria governar a si mesma, e assim, qual colmeia, ir-se multiplicando sem parar. Deste modo, estando as igrejas multiplicando-se, em breve o país inteiro estaria evangelizado.

Em certo país visitei uns missionários estrangeiros que se tinham tornado pastores, e não permitiam que os seus jovens, ainda que muitos deles fossem talentosos, saíssem da igreja mãe, a fim de evangelizar. A evangelização nesse país estava estagnada.

Por outro lado, as sociedades missionárias que possuem a visão de Paulo estão se esforçando por aderir estritamente aos métodos bíblicos. Isto significa que o evangelismo fica sempre em primeiríssimo plano. Tais sociedades missionárias não se especializam em hospitais, porquanto entendem que a saúde do povo é responsabilidade dos governos civis. Existem muitos hospitais nos campos estrangeiros onde não se permite nenhuma obra espiritual.

Essas agências missionárias tampouco estão fundando escolas, porquanto não acreditam na eficácia da educação acadêmica dos perdidos. Ao contrário, por experiência própria aprenderam que a educação, nas mãos de um inimigo da cruz, é arma perigosíssima. De fato, a

maior parte das dificuldades, na China e na Índia, para não mencionar inúmeros outros países, parte das classes estudantis.

Essas agências missionárias também não estabelecem seminários teológicos. Obrigar um nativo a submeter-se a um longo curso de estudos de humanidades e de teologia equivale a furtar-lhe a visão, transformá-lo em intelectualóide, e dotá-lo de um complexo de superioridade. Tudo de que um homem precisa para começar a testemunhar é o conhecimento das verdades fundamentais do Evangelho, e como propagá-las.

Se um país tiver de ser evangelizado, é preciso que conte com evangelistas. A única coisa que deve ser feita é pregar o Evangelho. "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Essa foi a ordem de Jesus. **Pregue-se por toda parte, nos bares e nos mercados, nas esquinas das ruas, nos salões e nas casas, em qualquer lugar, em todos os lugares, mas *pregue-se. Pregue-se e torne-se a pregar. Pregue-se o Evangelho*, pois o Evangelho é o poder de Deus para a salvação.**

## **Escolas Bíblicas Nativas**

Pelos motivos acima, em certo país se estabeleceu uma espécie de Escola Bíblica informal, onde se ministrava um curso de evangelismo e estudos bíblicos intensivos, com a duração de três meses. Tão breve era o período de estudos que o pessoal que se matriculava não tinha tempo de se transformar em estudantes. Permaneciam evangelistas.

Ao fim daqueles três meses o fogo queimava mais intensamente do que no princípio do curso. Na qualidade de evangelistas, saíam por toda parte, pregando o Evangelho numa vastíssima área. Depois de evangelizar du-

rante um ano, eram trazidos de volta para mais três ou quatro meses de treinamento intensivo. Depois eram enviados novamente.

Até parece que a grande maioria dos missionários no estrangeiro tem medo de confiar nos obreiros nativos. Lembro-me de um desses missionários. Ele deveria gozar suas férias havia muito, mas hesitava em partir. Durante os anos anteriores ele se encarregara pessoalmente de todas as responsabilidades do posto missionário. E agia sozinho. Não havia treinado um único obreiro nativo. Mas por fim chegou o momento em que foi obrigado a partir.

Ora, sucedeu que um missionário visitante estava passando com ele uns poucos dias. Esse missionário conhecia e praticava o método das Escrituras. Procurando resolver o problema, o missionário visitante solicitou ao colega receoso que convocasse os principais elementos nativos da congregação para uma reunião, tendo em vista descobrir quais deles poderiam receber responsabilidades.

Então, para grande admiração do missionário residente, seu amigo visitante tomou aqueles jovens destreinados e duvidosos e nomeou cada um deles para uma posição de confiança. Um deles foi escolhido para ser pastor, outro tesoureiro, um terceiro seria o superintendente da obra toda. Outros foram selecionados para serem evangelistas, presbíteros etc. Dessa forma, cada um dos nativos, para grande surpresa do missionário retrógrado, recebeu um cargo de responsabilidade. O exausto e esgotado (e agora espantado) missionário partiu em férias.

Um ano se passou. Ao voltar, esperava encontrar o desastre. Para seu espanto, descobriu que todos os nativos estavam se saindo maravilhosamente. A obra prosperava como nunca antes. Centenas de almas haviam sido levadas a Cristo. A congregação estava em condições excelentes. As áreas ao redor da congregação, muitos quilômetros quadrados, haviam sido evangelizadas. O

dinheiro não tinha faltado, o templo antigo fora reparado e novos templos erigidos.

Os crentes nativos da região, pela primeira vez em suas vidas, tinham tomado consciência de suas responsabilidades. Tremendo e temendo, não acostumados com as novas responsabilidades, tinham-se atirado às suas tarefas. Mas esse era o método bíblico, e Deus os abençoou. Que tremenda revelação para aquele missionário, que imaginara ter que fazer tudo sozinho! É que ele, pobrezinho se julgava imprescindível.

A razão pela qual tantos missionários contentam-se em se estabelecer como pastores é que enxergam apenas seu próprio trabalho local. O horizonte de sua visão deve ampliar-se, incluindo não apenas a vila ou aldeia onde trabalham, mas o país inteiro. Sua tarefa consiste não somente na evangelização de suas comunidades locais, mas na da nação à qual foram enviados.

## **A Consagração de Presbíteros**

Estudemos, agora, o plano divino para o estabelecimento de igrejas locais. Como é esse plano? Como se pode executar um plano sem recorrer a dinheiro enviado do estrangeiro? Qual é o plano bíblico?

Paulo, como você talvez se lembre, evangelizava, acompanhava os convertidos, organizava-os em igreja e nomeava presbíteros. Aqui está todo o segredo. Ele tomava dois ou três homens qualificados moral e espiritualmente e os punha como presbíteros responsáveis pelo rebanho. Esses homens não desistiam das suas ocupações diárias. Mas tornavam-se os superintendentes da congregação. Convocavam os crentes para a oração e o culto, a intervalos regulares. Presidiavam à mesa do Senhor. Batizavam os novos convertidos. Liam as Escrituras e pregavam. Visitavam os doentes e evangelizavam.

Consideremos uma cidade qualquer, de nossos dias. Evangelistas brasileiros, companheiros do apóstolo Paulo, treinados em algum Instituto Bíblico, iniciam uma campanha de evangelização. Pregam a Palavra, distribuem folhetos, fazem trabalho pessoal até que, finalmente, o Espírito Santo lhes dá um certo número de novos convertidos.

Visto estarem espalhados por uma extensa área, são organizados em grupos ou congregações. Em cada grupo os indivíduos mais talentosos são selecionados e consagrados como presbíteros e diáconos. Dois presbíteros e dois diáconos são suficientes. Três seriam melhor ainda. Esses oficiais são testados pelos seus respectivos grupos. A congregação se reúne regularmente sob a liderança desses homens. Talvez não sejam todos capazes de pregar, mas um deles pode ler a Palavra. Outro talvez tenha a capacidade de expô-la. E todos devem saber orar.

Tais congregações, como é natural, tendem a crescer. E crescerão se forem organismos normais, vivos. Uma vez que se tornem muito grandes, é natural que se multipliquem. Outras pequenas congregações têm início. Os presbíteros já nomeados têm autoridade para consagrar outros, organizando outras congregações. Dessa forma podem multiplicar-se rapidamente até que, em pouco tempo, haverá muitas grandes igrejas e pequenas congregações espalhadas por todo o país.

Uma congregação pode crescer tanto, e tornar-se tão forte, em certo bairro, que passa a necessitar de um pastor em tempo integral. O pastor pode ser escolhido dentre os presbíteros. Talvez seja necessário treiná-lo mais um pouco, num Instituto Bíblico. O novo pastor pode ser, temporariamente, um dos evangelistas que já estão bem treinados.

Agora o pastor brasileiro passa a ser sustentado pela sua congregação brasileira. O pastor não é enviado a nenhuma congregação debilitada, nem é sustentado por dinheiro

## 28 *Evangelizemos o Mundo*

vindo do estrangeiro. Mas vai pastorear uma igreja vigorosa sendo sustentado pelos próprios membros locais.

Em alguns lugares, os novos convertidos não celebram a ceia do Senhor há dois ou três anos, simplesmente por causa da ausência do pastor estrangeiro; ou porque o pastor tem uma grande igreja noutra cidade; ou porque ele pastoreia inúmeras igrejas; ou porque o bispo não tem tido tempo de fazer uma visita à nova congregação.

Os novos crentes aprenderam que somente pastores devidamente ordenados e consagrados pelo presbitério, concílio, sínodo ou ministério têm autoridade para batizar crentes, nomear presbíteros e diáconos e presidir a ceia do Senhor. Na verdade, biblicamente, os próprios crentes poderiam eleger e consagrar seus oficiais, de modo que fizessem todo o trabalho necessário.

É impossível que enviemos missionários brasileiros ao estrangeiro, em número suficiente para evangelizar o mundo todo. Jamais poderemos sustentar um número suficiente de pastores nativos, que sejam colocados em cada aldeia e vila ao redor do mundo. No entanto, podemos fundar um Instituto Bíblico. Podemos nomear um diretor para esse Instituto.

Podemos começar a treinar pastores e evangelistas nativos. Tais evangelistas podem ir a toda a parte, a evangelizar, seguindo o exemplo de Paulo. Podem agrupar os novos convertidos em congregações locais, ainda que haja apenas duas ou três novas famílias convertidas, no princípio. "Pois onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mateus 18:20). São palavras de Jesus. E é isso que constitui uma semente de igreja no Novo Testamento. Podemos nomear e consagrar oficiais dentre os novos convertidos, a fim de que a igreja seja sustentada e possa desenvolver-se. Essas congregações poderão crescer, tornar-se igrejas, multiplicar-se e organizar outras. É dessa forma que países inteiros podem ser evangelizados.

## O Crente Nativo é a Chave

Para encerrar, voltemo-nos para o trecho de Atos 14:23. Paulo e seus companheiros evangelistas tinham viajado de cidade a cidade, de conformidade com o plano de Deus. Havia recebido muitos convertidos e fundado várias congregações.

Aqueles missionários não permaneciam continuamente em lugar algum, nem pensavam em estabelecer-se como pastores. Mais tarde realizaram uma segunda viagem missionária, e depois, uma terceira. Desse modo injetavam ânimo nas novas congregações. “E havendo-lhes por comum consentimento, eleito anciãos *em cada igreja com oração e jejuns*, os encomendaram ao Senhor, em quem haviam crido”. E depois, deixavam-nos.

O fato é que temos estado a edificar “para cima”, ao invés de edificar “para os lados”. Esse tem sido sempre o erro do catolicismo romano, e o protestantismo não tem evitado a mesma orientação. Quanto à organização, temos subido dos leigos para os sacerdotes, e daí para o papa; e quanto às edificações, temos subido de casas e salões para catedrais.

Deus nos ordenou edificar *para os lados*, evangelizar; porém, desprezando o Seu plano, temos edificado *para cima*. E por essa razão, hoje em dia, estamos sobrecarregados de propriedades e desequilibrados por causa do peso da maquinaria e das organizações.

No entanto, se tivéssemos seguido o método paulino, a nossa carga seria leve. O método de Paulo resolve o problema financeiro. Não se investirão grandes doações na educação e em hospitais. Aos evangelistas nativos, acostumados à alimentação de seus países, bem como à sua própria maneira de viver, se pagarão salários dignos. E isso poupa as grandes despesas oriundas do estabelecimento de postos missionários no estrangeiro, incluindo mobília, alimentos especiais, roupas importadas, etc.

Os salários ou ajudas de custo são bem menores do que aqueles pagos aos missionários estrangeiros; os evangelistas nativos são capazes de viver confortavelmente, com decência, segundo os padrões de vida de seu país. Também se poupam as grandes somas de dinheiro necessárias para trazer de volta, no período de férias, periodicamente, com intervalo de alguns anos, os missionários estrangeiros.

Segundo este método, ainda, não é necessário que um exército de pastores aprenda um idioma estrangeiro, mais a assimilação de costumes e de maneiras de pensar estranhos, o que poupa muito tempo valioso. Só raramente um obreiro estrangeiro chega a aprender com perfeição o idioma do país que está evangelizando, o que sempre constitui um empecilho.

Nossos evangelistas nativos podem vir a conhecer bem seu idioma, e levam essa vantagem desde o princípio. Ficam perfeitamente à vontade no meio de seus costumes e de sua cultura nacionais, e por isso não provocam comentários negativos.

Meu irmão, ou irmã, você pode concordar ou não com tudo quanto tenho dito aqui. Mas uma coisa você não pode negar: Até o presente não temos conseguido evangelizar o mundo. Além disso, somos obrigados a admitir que algo está errado. Será que já pensamos na possibilidade de o erro relacionar-se ao nosso método? Será que o plano que adotamos está funcionando? Penso que todos precisamos concordar que não. Nossos planos não funcionam. Nesse caso, por que não considerar outro plano?

Há um plano testado e aprovado pela Igreja Primitiva. Um plano que alcança êxito onde quer que seja posto em prática. Um plano que soluciona completamente o problema financeiro. Um plano por intermédio do qual o Espírito Santo opera. É o plano de Deus: o método de Deus.

## Capítulo 3



# A TRÍPLICE ORDEM DE CRISTO

Na tríplice ordem dada por Cristo encontramos o programa completo de Deus com relação ao empreendimento missionário na atual dispensação. Essa tríplice ordem pode ser expressa em três palavras simples:

### **Vede**

“Não dizeis: Ainda há quatro meses até à ceifa? Eu vos digo: Erguei os vossos olhos e vede os campos! Já estão brancos para a ceifa” (João 4:35).

Milhares de líderes evangélicos deixam de ver e entender esta necessidade. O resultado são grandes somas desperdiçadas em caríssimos templos e equipamentos, enquanto milhões de almas perecem, sem que haja ao menos uma palhoça em que possam ouvir as Boas-Novas.

Bastaria que olhássemos a realidade, por meio dos olhos de Jesus Cristo, para que investíssemos os nossos recursos financeiros não em tijolos e cimento, não em luxuosos Seminários Teológicos e em instituições que absorvem grandes somas, mas sim, em almas de homens.

Vamos então ver algo maravilhoso. Vamos ver como se

nunca antes houvéssemos visto. E, ao contemplarmos nesta visão os milhões da China e da Índia, juntamente com as exploradas populações da África e da América do Sul, daremos nova atenção às palavras do Mestre. Apanharemos num lampejo a urgência da necessidade real. "Erguei os vossos olhos, e vede os campos! Já estão brancos para a ceifa".

Por acaso você já pôde ver como se faz uma ceifa nas fazendas brasileiras? Se você já viu, sabe o que significa a urgência. E que urgência! É de máxima importância que os trabalhadores sejam levados a toda pressa aos campos. Por quê? Simplesmente porque o grão precisa ser recolhido imediatamente, sob pena de estragar-se e perder-se para sempre.

Ocorre o mesmo quando os campos que branquejam são de almas. A presente geração só pode alcançar esta geração. Portanto: "O que estás prestes a fazer, faze-o depressa". Se os trabalhadores não se apressarem, se deixarmos de envidar os nossos melhores esforços, esta ceifa, isto é, esta geração, ficará eternamente perdida.

Esta pode ser a nossa última oportunidade de mostrar ao Senhor quanto O amamos. Alguns de nós em breve poderão desaparecer, visto que "... a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (João 9:4). Para muitos "... o dia já está muito adiantado..." (Marcos 6:35).

Existem aqueles que até o presente momento viveram só para o "eu", exclusivamente para si mesmos. E agora os seus dias estão contados. Até agora não manifestaram o seu amor a Jesus Cristo de maneira digna.

Por isso, levantemo-nos e comecemos a agir. Nossa última oportunidade em breve terá passado. Em nome de Deus, ergamos os olhos e vejamos. Olhem os campos que já estão brancos, prontos para a ceifa!

## Orai

Humanamente falando, a incumbência que nos foi dada é missão impossível. Há mais pessoas incrédulas, pagãs, nos dias em que vivemos, do que há cem anos passados, apesar de toda a evangelização realizada. Qual será a solução? Dinheiro, afirma um. Recolhamos milhões de dólares e assim poderemos evangelizar o mundo. Outro retruca: Homens. Dai-nos homens suficientes que vão aos campos, e cumprimos a tarefa nesta geração. Não, meu amigo, não! Esse não é o método de Deus. Nem dinheiro nem homens completarão a tarefa.

Escuta: “A seara é realmente grande, mas os ceifeiros são poucos”. Aqui jaz toda a dificuldade da tarefa: um campo imenso, e um número insuficiente de trabalhadores. Mas ouça! O Mestre continua a falar. Graças ao Senhor, ele tem a solução e o problema é resolvido. “Rogai, pois, ao Senhor da seara que envie ceifeiros para a sua seara” (Mateus 9:37, 38)

Em nossos dias há um número excessivo de trabalhadores, isto é, de trabalhadores de qualidade errada. Não sabem qual é sua tarefa, não sabem como executar seu trabalho. Apresentam-se com sua teologia moderna e com suas idéias da teologia da libertação, o evangelho social. E tentam fazer o que jamais poderá ser executado. Prouvera a Deus fossem enviados de volta para suas pátrias de origem! Que bênção seria isso para incontáveis milhões!

Nossa tarefa consiste em rogar ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara. Pois quando Deus envia homens, ele sempre envia homens da qualidade certa. Este, portanto, é o segredo — ORAI.

## **Ide**

### **1. Às Nações**

“Portanto, ide e fazei discípulos de todos os povos... (Mateus 28:19).

O Noivo quer contar com algumas pessoas provenientes de toda língua e tribo. “... e vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e perante o Cordeiro...” (Apocalipse 7:9). Isso é confirmado em Atos 15:14, que diz: “... primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar dentre eles um povo para o seu nome...”

Por esse motivo é que lemos em Marcos 13:10 aquelas palavras proféticas: “Mas primeiro o Evangelho deve ser pregado a todas as nações”, às quais foi juntada a promessa de Mateus 24:14: “Então virá o fim”. É por isso que perguntamos: “Por que não proferis aquela palavra que trará de volta o Rei?” Conforme Paulo declarou, este era o seu alvo, a saber: “... anunciar o Evangelho nos lugares que estão *além* de vós...” (2 Coríntios 10:16). Este era o plano do próprio Jesus.

Quando lhe disseram: “Todos te buscam”. Ele lhes disse: “Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue. Foi para isso que eu vim” (Marcos 1:25-39). E na passagem de Lucas 4:43 Ele se mostra ainda mais enfático. “Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus, porque para isso fui enviado”, insistiu Ele. E em Atos 1:8 recebemos a ordem, de modo definido, de lançarmo-nos a um trabalho evangelístico de escopo mundial, indo até “... os confins da terra”.

Esta deve ser, portanto, a nossa visão. Não a duplicação de agências missionárias existentes. Ao contrário, compete-nos trabalhar em áreas ainda não atingidas. “Áreas sem o evangelho”, “Onde Cristo é desconhecido”,

“As regiões longínquas”, os “Campos negligenciados”. Estes são os nossos lemas, essa é a nossa gloriosa missão.

## **2. Ao Indivíduo**

“Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).

Esta é a nossa responsabilidade e obrigação para com as pessoas ao nosso redor. “Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio, para salvar a sua vida, aquele ímpio morrerá na sua iniquidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei” (Ezequiel 3:18)

Que se poderia dizer da culpa de um guarda ferroviário que encontrasse um trilho partido, mas deixasse de avisar o maquinista, não acenasse com a bandeira vermelha? Que diz você da pessoa que contemplasse um cego prestes a precipitar-se de um barranco, mas deixasse de adverti-lo? Que acha você de alguém que visse uma pessoa morrendo afogada, porém não lhe estendesse a mão? Que faríamos a outro indivíduo que notasse uma casa começando a incendiar-se, mas se recusasse a fazer soar o alarme?

Agora estamos frente a frente com a nossa responsabilidade individual. E novamente ouvimos aquela pergunta: “Acaso sou eu guardador do meu irmão?” (Gênesis 4:9), pergunta que requer resposta. “...A toda criatura”. Essas são palavras do Mestre. Teremos de retroceder até à ungida visão do dr. A. B. Simpson, que escreveu o seguinte:

“Cem mil almas todo o dia, Passam  
uma a uma sem alegria,  
Culpadas, sem Cristo, em melancolia;  
Sem esperança, sem a luz da salvação,

Para a noite eterna da horrenda escuridão.  
Sim, passam para a condenação”.

Oh, filho de Deus, que é que você está fazendo? Que que você fez? Como é que você vai encarar esses milhões que se perdem? Você pode suportar tal pensamento? Há a ordem do Senhor, clara, cristalina e enfática, bem como a espantosa necessidade que é exposta diante dos seus olhos todos os dias. No entanto, você jamais levantou um dedo para ajudar.

A sacola de dizimos e ofertas especiais esteve à sua frente. Você, com indiferença, lançou nela umas migalhas. Essa é a medida de todo o seu interesse durante um ano inteiro. E assim foi que você deu por terminado o seu dever para com as missões. No entanto em uma semana você gasta muito mais com você mesmo. Que Deus tenha piedade de você!

“Oh, crente em Cristo, que responderás  
Quando no horrendo dia do julgamento,  
Os perdidos te acusarem — sim, que dirás?  
— De seres a causa de seu tormento?”

Que tesouros você juntou lá nos céus? Onde estão e quais são as suas riquezas? Você as guarda em algum banco terreno? Destas riquezas você terá de separar-se mais cedo ou mais tarde. Será que você tem gasto seu tesouro com você mesmo? Se assim é, você vai partir daqui paupérrimo. Pense nisso! Você, rico no tempo mas pobretão na eternidade! E não há ricos no inferno! Ninguém virá feliz ao seu encontro, porque você jamais investiu nas almas.

Que Deus nos ajude a acumular tesouros no céu, investindo em almas preciosíssimas aqui. “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destróem e onde os ladrões arrombam e roubam. Mas ajuntei tesouros no céu...” (Mateus 6:19, 20). Essa é a ordem de Jesus

Cristo dirigida a você. Então, você vai obedecer ao Senhor?

Cem reais por ano, para a causa das missões, representam menos do que dois reais por semana. Pense nisso! Qual é o teu salário mensal? Cem, duzentos, quatrocentos reais? Nesse caso, isso significaria que você gasta com você mesmo, sua família e impostos, noventa e dois por cento, ou noventa e seis por cento, ou noventa e oito por cento de seu salário, respectivamente. Você estaria dando apenas oito por cento, ou quatro por cento, ou dois por cento, para a evangelização do mundo. Crime de lesa-divindade! Crime contra a humanidade! Divisão injusta de proventos!

Amado irmão, amada irmã, terminei! Já dei a minha mensagem. Agora a responsabilidade é sua. Que é que você vai fazer? Que providência você vai tomar? A tríplice ordem de Cristo já lhe foi exposta. Você precisa ver, orar e ir. É claro que você pode ver e orar. Mas, se você não puder ir, possibilite a ida de outrem, em seu lugar. E ore. Os missionários receberão aqueles a quem Deus, em resposta às suas orações, se salvarão. Que saiam os missionários aos campos que já branquejam para a ceifa. Você vai fazer isso?



## Capítulo 4



# A CHAMADA MISSIONÁRIA

Que é uma chamada missionária? Haverá algum meio de sabermos a vontade de Deus? Como pode alguém ter certeza da vontade de Deus? Creio que há tal meio. De fato, tenho certeza de que há. Deus não deixaria os seus servos nas trevas.

Mas, deixe-me contar-lhe a experiência de James Gilmour. Vale a pena conhecê-la. Veja de que modo ele foi chamado, e por que foi aos mongóis. Ele mesmo narra a história:

“Não é o reino de Deus um campo de colheita? Então pensei que seria razoável procurar trabalho onde a tarefa se acumulasse e os trabalhadores fossem em menor número. Os trabalhadores afirmam estar sobrecarregados, em suas igrejas, em seus países. Então, que diremos das planícies que se estendem a perder de vista, em que, para fazer a ceifa de searas que já branquejam, só há uns raros trabalhadores, aqui e ali?

“Para mim, a alma de um hindu me parecia tão preciosa como a alma de um inglês. Parecia-me que o Evangelho se destina tanto aos chineses como aos europeus; e visto que o exército de missionários é pequeno, em confronto com as hostes de ministros em minha própria terra, pareceu-

me perfeitamente claro que o meu campo de ação deveria ser no estrangeiro.

“No entanto, saí como missionário, não apenas para seguir os ditames do bom senso, mas principalmente para obedecer ao mandamento de Cristo: ‘Ide e fazei discípulos de todos os povos...’ Esse comando soa muito bem como uma ordem missionária. Por isso, à parte a escolha própria ou outras razões menos importantes, a minha ida foi uma questão de obediência a uma ordem clara. E ao invés de tentar determinar a razão por que fui ao estrangeiro, prefiro dizer que me foi impossível descobrir qualquer razão aceitável pela qual eu deveria permanecer em meu próprio país”.

Gilmour partiu em resposta à Grande Comissão. O seu Capitão lhe ordenou que “fosse”, e ele foi. Foi por não poder encontrar razão suficiente para permanecer em sua própria terra. Partiu para um campo estrangeiro porque, conforme ele mesmo disse, ali os trabalhadores são mais raros. Que heróica decisão!

E qual foi a razão que impeliu Charles T. Studd a ir? Studd, como você deve estar lembrado, desistiu de uma fortuna — cento e quarenta e cinco mil dólares. Poderia ter vivido em sua pátria em grande luxo, mas preferiu doar tudo quanto possuía e partir para China como missionário. Por quê? Por mais estranho que pareça, foi uma observação feita por um ateu que o empurrou para a sua missão. Esta observação de tal modo o impressionou, quando a leu, que sentiu ser seu dever abandonar tudo e seguir a Jesus Cristo. Ei-la:

“Cresse eu firmemente, como milhões afirmam que crêm, que o conhecimento e a prática da religião, nesta existência, influenciam o nosso destino na outra vida, a religião passaria a significar tudo para mim. Eu desprezaria todo gozo terreno como escória, os cuidados terrenos como insensatez, e os pensamentos e sentimentos terrenos como vaidade.

“A religião seria o meu primeiro pensamento ao despertar, bem como minha última imagem antes de dormir, antes de cair na inconsciência profunda. Esforçar-me-ia exclusivamente por esta causa. Uma alma ganha ao céu! eu a consideraria digna do sacrifício de minha vida toda, para que se salvasse. Só meditaria na aurora do dia em que despertasse na eternidade. As conseqüências terrenas jamais fariam descansar a minha mão, nem poderiam selar os meus lábios. A terra, com suas alegrias e suas tristezas, não ocuparia num único instante a minha mente.

“Esforçar-me-ia por contemplar unicamente a eternidade, bem como todas as almas imortais ao meu redor, que em breve seriam felizes para sempre, ou desgraçadas para sempre. Sairia pelo mundo e pregaria aos perdidos a tempo e fora de tempo, e o meu texto seria: “Pois, que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?”

É assim que você se sente? Você também tem sentido esta urgência? A Palavra de Deus faz que você se queime como se houvesse uma chama ardente no seu coração? Se você não tem descanso, dia e noite, porque você não vai?

“Se eu disser ao perverso: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para desviar o ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniquidade, mas o seu sangue Eu o requererei da tua mão. Mas se advertires o ímpio de seu caminho, para que ele se converta, e ele não se converter, morrerá na sua iniquidade, mas tu terás livrado a tua alma” (Ezequiel 33:8, 9)

## **A Necessidade e a Urgência**

Isso significa que nossa grande necessidade é ter uma chamada. Os seres humanos estão perecendo. Você já

possui a Palavra da Vida. Você vai negá-la aos que se perdem? A responsabilidade é sua.

Entretanto, sentir a necessidade, por si só, não é suficiente. Deve haver o poder para satisfazer a essa necessidade. Você acha que tem as qualificações necessárias? Por exemplo, é preciso aprender um novo idioma. Você vai conseguir aprendê-lo? Você é suficientemente jovem, ou já é tarde demais? Considere seu estado de saúde. Você tem um físico vigoroso, capaz de suportar um clima tropical? Além disso, é imperativo que você possua boa educação acadêmica, tanto secular como teológica. Você está qualificado?

As circunstâncias criadas pela divina providência também são um fator real de orientação. As portas se abrirão miraculosamente, e as suas necessidades serão supridas. Surgirão os fundos de que você precisa para pagar seus estudos. Você os obterá pelo seu próprio trabalho, ou alguém lhos doará.

Os obstáculos e os empecilhos serão vencidos ou tirados do meio do caminho. E, finalmente, a junta missionária escolhida por Deus o aceitará. Em seguida você arranjará o equipamento e o dinheiro necessários para a viagem e a promessa de sustento durante seu primeiro ano de trabalho.

Para mim, a chamada divina é aquela urgência irresistível, aquele impulso compelidor, aquela paixão íntima que não me deixa ficar tranqüilo. Um anseio no coração é a chamada incessante. A pessoa vocacionada por Deus não tem sossego. É como um perdigueiro correndo atrás da presa, que não cessa nunca a perseguição. É aquele senso irremovível do "dever".

A chama divina requeima e abrasa meu coração. Levanto-me de minha escrivaninha e ponho-me a andar ansioso pela sala, orando e clamando a Deus. Minha mente não se fixa no que faço. Vejo campos distantes. Sinto que, não importa o que acontecer, não tenho outra

saída senão obedecer. Não fico satisfeito por trabalhar para Cristo onde estou. Certa ocasião expressei esses sentimentos assim:

“Ouça! essa é a Voz que me chama  
Das profundezas do mistério”.

Foi essa Voz em meu íntimo que falou comigo, à minha alma, e me chamou para o ministério nos campos missionários do mundo. Não sou capaz de explicá-la, mas sei que se trata de um “impulso” que não me abandonava nem de dia nem de noite. Eu atendi a esse impulso, e jamais fiquei desapontado.

“Desperta-me, desperta-me, Senhor — não me importa como

Mas desperta-me o coração em compaixão pelo mundo;  
Desperta-me para dar, para ir, mas principalmente para orar,

Desperta-me até que a Bandeira  
esteja a drapejar

Por sobre as terras onde imperam as trevas,  
Quero fincar nelas a bendita cruz de Cristo.”

Se você realmente deseja atender à voz de Deus, se você deveras quer fazer a Sua vontade, então poderei dizer-lhe de que modo você poderá descobrir se Ele chamou você, ou não, para os campos missionários. Basta que você faça duas coisas:

Primeiramente, comece a orar acerca do trabalho da sua vida, e concentre-se nesta oração todos os dias. Separe uma hora diária para você esperar a resposta do Senhor. Ore assim: “Que farei, Senhor?” Fale todos os dias com Deus, a esse respeito.

Em segundo lugar, além de você orar, leia também biografias de grandes missionários. Quando eu ainda era estudante, comprei uma prateleira de livros de biografias,

e lia dois ou três capítulos diariamente. As moças deveriam estar bem familiarizadas com a história da vida de Ann Hudson, Mary Slessor, e outras heroínas missionárias. Os rapazes deveriam conhecer a vida de Livingstone Moffat, MacKay, Gilmour, Morrison, Taylor, e de outros grandes heróis missionários.

Por que eu lhe recomendo que estude tais biografias? Porque neste final de século vivemos em uma atmosfera em que não conseguimos ouvir Deus falando conosco. Mas, se você ler as biografias de missionários, você entrará numa atmosfera em que ouvirá a voz de Deus que fala a você.

Então, quando você estiver lendo as biografias e orando acerca do trabalho da sua vida, dia após dia, você ouvirá a voz de Deus. Em breve você começará a se interessar por alguma área geográfica em particular e, após você haver terminado o seu curso na Faculdade de Teologia, ou num Instituto Bíblico, você acabará indo ao lugar que Deus lhe determinou. É desta maneira que a maioria dos missionários tem ouvido a chamada de Deus. Como eu já disse, trata-se de um impulso divino. É a voz do Espírito Santo que o orienta a que vá; se você desobedecer, sua insatisfação será imensa. Você jamais poderá ser feliz se não estiver no centro da vontade de Deus.

## **A Oposição de Satanás**

Nem bem você acabou de tomar a decisão de tornar-se missionário, e Satanás já está fazendo tudo quanto estiver ao seu alcance para fazê-lo desistir. Ele poderá dificultar a obtenção do dinheiro necessário para que você estude. Poderá fazer que os membros de sua família se voltem contra você. Se o diabo não tiver êxito nem de um modo nem de outro, fará algo que vem fazendo com muito sucesso.

Ele faz que moças totalmente destituídas de vocação

cristã, e menos ainda de vocação missionária, se interessem pelo rapaz a quem Deus chamou para ser missionário, e procura fazer que uma delas se case com esse moço. Quanto às moças a quem Deus chamou para serem missionárias, o diabo procurará fazê-las casar-se com rapazes que de modo algum se interessem pela carreira missionária. O casamento em ambos os casos porá fim aos planos de trabalho missionário — para sempre.

Nem sei calcular o número das muitas mulheres já de meia idade, que me têm dito: “Dr. Smith, Deus me chamou para ser missionária, mas eu me casei com um homem que não tinha este ideal. Agora temos filhos para criar. Estamos chegando aos quarenta; é tarde demais. Perdi a bênção mais excelente de Deus, e agora terei de contentar-me com uma bênção secundária”.

Muitas dessas pessoas não suportam as emoções, e rompem em soluços. Ouça, meu caro jovem: se Deus chamou você e você se apresentou para o trabalho missionário, voluntariamente, não tenha amizade íntima com jovens que não tenham o mesmo ideal, pois, você correria riscos graves, cheios de equívocos.

Da mesma forma que você foi chamado, você será guiado. Se você for fiel e obedecer à orientação do Espírito, Deus conduzirá você ao trabalho mais glorioso que um homem pode executar. Você se tornará um missionário. A sua vida será investida num trabalho honroso; cõscio da orientação do Senhor, você jamais ficará desapontado.

Você também poderá fazer o que milhões de jovens crentes têm feito. Você pode acomodar-se na monotonia da sua vidinha burguesa, gerar filhos, trabalhar, chegar à aposentadoria, morrer e ser esquecido. Ou você pode tornar-se um pioneiro, um abridor de picadas, se você empregar sua vida na grandiosa obra da implantação do reino de Deus. Seja você o primeiro a entregar o Evangelho a alguma tribo ainda não atingida, e assim você será lembrado para sempre. Qual destas duas opções você

prefere? Cabe a você escolher.

Você quer, então, dar ouvidos à voz de Deus e responder: — “Eis-me aqui, Senhor, envia-me a mim”?

## Capítulo 5



# A PREPARAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS

Existem dois tipos de voluntários: os passivos e os ativos. O voluntário passivo diz: — Senhor, aqui estou. No ano seguinte ele repete essas palavras. E cinco anos mais tarde, continua dizendo a mesma coisa: — Senhor, aqui estou.

Ali estava ele, ali continua e ali o veremos para sempre. Sua idéia é que todos devem esperar até que ele ouça uma voz sobrenatural, ou até que Deus desça para apanhá-lo e transportá-lo a algum campo missionário. Mas Deus não usa voluntários passivos.

E que diz o candidato voluntário ativo?

— Senhor, aqui estou, envia-me.

Este candidato a missionário inclui um “estou indo” ao seu oferecimento voluntário. Colocando sua fé em Deus, vai vencendo todos os impedimentos por meio da oração. Supera todos os obstáculos. Mediante a fé, vai abrindo portas fechadas. Pede a Deus em oração e recebe de uma ou de outra forma o dinheiro necessário para seus estudos e, dessa maneira, prepara-se. Por fim, está pronto para o grande trabalho de sua vida.

Formado, e pronto, registra-se como candidato numa junta missionária, e caso não seja aceito, procura outra.

Afinal é aceito. Agora passa a orar pedindo o equipamento necessário e o dinheiro da passagem. Então, tendo vencido todos os obstáculos, chega ao campo de trabalho. Isso permite que algo lhe atrapalhe o avanço. Deus só usa voluntários ativos.

A maioria das Missões de Fé (assim as chamamos para distingui-las das Juntas Missionárias denominacionais) exige que o candidato haja completado o segundo grau e mais um curso teológico básico em Instituto Bíblico credenciado. Se você ainda é bastante jovem, também deveria completar um curso superior, além da Faculdade Teológica, fazendo depois o mestrado. Se você resolve cursar um seminário, certifique-se de que não é um daqueles seminários capazes de apagar o seu ardor missionário. Certifique-se de que o ensino deste seminário é pré-milenarista, e que destaca o dever da evangelização.

Para um homem de Deus, treinamento, conhecimento e sabedoria nunca são demais, desde que ele não perca a visão espiritual.

Vamos falar um pouco de sua idade. Você deve partir para o campo ao atingir a idade de vinte e cinco, se possível, e não depois dos vinte e oito. Portanto, se você está chegando ao fim desse limite de idade, faça seu curso bíblico e parta, ainda que você não tenha se formado em outro curso superior.

Durante todo o seu período de treinamento você deveria estar trabalhando ativamente em alguma igreja de visão missionária, porquanto chegará o dia em que você vai necessitar da recomendação de um pastor que o conheça bem, e mais ainda, do apoio de uma igreja fortemente espiritual. As juntas muito se baseiam no que o pastor diz a respeito do candidato. Verifique Atos 13:1,2 e 15:3.

Além da educação acadêmica, teológica, você vai precisar de alguma experiência prática. Ora, se Deus não pode usá-lo em sua própria terra, tampouco o usará nos

campos estrangeiros! É absolutamente essencial que você se dedique a alguma modalidade de serviço cristão em seu país. Faça trabalho de evangelização pessoal, pregue, presida reuniões, ajude nas missões de socorro, visite os enfermos. Aprenda a sacrificar-se, a enfrentar dificuldades, a viver pela fé. Procure obter toda experiência prática que você puder. Em outras palavras, seja um pescador de almas tanto em sua própria cidade como depois, nos campos missionários. Nada existe, na simples travessia de um continente, ou de um oceano, que possa fazer de você um missionário. Se você não tiver sido um obreiro bem sucedido, antes de partir, você não será vitorioso depois.

Se você puder obter nem que seja um conhecimento elementar de contabilidade e de datilografia, isso lhe será de grande valia. Muitos missionários se ressentem da falta de treinamento no mundo dos negócios, mas é importante que as contas sejam cuidadosamente registradas.

Se você ainda é suficientemente jovem, e tem tudo o mais que se faz necessário, você deveria estudar pelo menos um ano de medicina. Esse curso é considerado muito necessário pela maioria das missões que operam em regiões tropicais. Assim você será capaz de cuidar de você mesmo, quando adoecer, bem como de outros missionários ou crentes em geral. Além disso, você se torna capacitado para aliviar indisposições leves entre o povo de seu campo missionário. Você estará abrindo mais uma porta para a entrada do Evangelho.

O estudo do idioma local sempre será um problema. Portanto, se você puder fazer um curso intensivo de fonética e de fonemas, ou mesmo um curso de lingüística, você descobrirá que isso rende admiráveis dividendos.

Quando você estiver preparado, registre-se como candidato numa das juntas missionárias que operam no país ou região para onde você acredita que Deus o chamou. Se

você escrever a uma dessas juntas missionárias, seus líderes se sentirão felizes em poder enviar-lhe uns folheto explicativos. Quando você tiver completado os seus estudos, enviarão os papéis de matrícula. Sugiro que você desde o começo se mantenha em contato com a missão sob a qual você espera servir. Estude os folhetos da missão, e aprenda tudo que você puder, a respeito da atuação desta junta no passado.

Quando você partir para o campo missionário, você deve fazê-lo sob a tutela de uma junta que esteja preparada para aceitar a responsabilidade do seu sustento. Acredito no valor da fé, mas fé como virtude tanto do obreiro como da junta missionária. À junta que envia o missionário cabe providenciar o dinheiro de que ele precisar para ser enviado ao campo. Inclui-se aqui o dinheiro referente aos salários plenos do novo missionário no campo. Que possam ser atendidas todas as emergências que porventura aparecerem.

Seja para onde for que você quer ir, vá sob os auspícios de uma junta de missões de bons antecedentes. Não vá para o campo sob uma junta inexperiente. Você poderá associar-se a missões cujo trabalho tem sido aprovado em praticamente qualquer campo.

Ainda existem vastos territórios habitados, em nosso país, e no exterior, onde o Evangelho jamais foi pregado. Você poderá ser um pioneiro ali. Se Deus o chamou, não hesite em ir. Não se pode adquirir maior honra, do que a de ser um missionário da cruz.

Você será um embaixador de Cristo. Seja fiel, para que você possa receber a coroa da vida. E finalmente, quando soar o clarim que o chamar para o lar celeste, você poderá dizer juntamente com o piedoso Brainerd: "Ainda que me dessem o mundo inteiro, eu não teria gasto a minha vida de outro modo".

## Capítulo 6



# AS DIFICULDADES DOS MISSIONÁRIOS

A obra missionária nos dias modernos é bem diferente do que era há cinquenta anos. Persistem ainda os campos inexplorados, onde se exige trabalho pioneiro e heroísmo, e onde os missionários sofrem perseguições. Existem trilhas que jamais foram palmilhadas, onde o sofrimento continua a desafiar quantos ali se aventurarem.

—Quero lembrar à comissão, disse MacKay, de Uganda, que dentro de seis meses provavelmente ouvirão que algum de nós foi morto. Pelo menos um de nós (eu, talvez?) certamente cairá antes de terminado este prazo. Mas o que quero enfatizar é o seguinte: Quando chegarem estas notícias, não fiquem desanimados. Pelo contrário, enviem alguém imediatamente para preencher o lugar vago.

Essa predição foi literalmente cumprida. Um por um, os membros do grupo de MacKay ou faleceram por causa das febres ou foram assassinados pelos nativos, até que, por fim, somente ele restava.

Por que as dificuldades haveriam de servir de freio? Ouça o que disse David Brainerd:

“Eis-me aqui, Senhor, envia-me. Envia-me até aos confins da terra. Envia-me aos lugares desérticos, repletos de pagãos selvagens e brutais. Envia-me para longe de

tudo que se chama conforto na terra, para longe de tudo quanto é luxo mundano. Envia-me na direção da minha própria morte, contanto que isso ocorra em teu serviço e promova o teu reino”.

Veja agora as palavras de C. T. Studd: “Se Jesus Cristo é Deus e morreu por mim, então nenhum sacrifício é grande demais para eu fazer por Ele”.

A própria morte pode ser uma vitória. Foi David Livingstone que exclamou: “A morte é um acontecimento glorioso para aquele que vai para Jesus”.

Seria de estranhar muito se alguém lesse a vida de William Carey, na Índia, sem derramar lágrimas. Até mesmo os diretores da Companhia das Índias Orientais se opunham ao seu trabalho. Um dia veio a resolução tola que apresentaram ao parlamento inglês, uma resolução firmada na cegueira do preconceito e da incredulidade. Dizia o seguinte:

“O envio de missionários às nossas possessões orientais é o projeto mais louco, mais extravagante e mais caro e indefensável já apresentado por um fanático maluco. Tal esquema é pernicioso, imprudente, inútil, maléfico, perigoso, sem objetivo e fantástico. É contrário a toda a razão e sã política, e ameaça a paz e a segurança das nossas possessões”.

Talvez seja interessante salientar que, em 1796, o Supremo Concílio da Igreja da Escócia baixou a seguinte infame resolução: “A propagação do conhecimento do Evangelho entre nações bárbaras e pagãs parece-nos grande absurdo”.

Um dos oradores da Câmara dos Comuns declarou que preferia ver um bando de demônios soltos na Índia do que um grupo de missionários. Era desse calibre a oposição que se fazia às missões evangélicas quando Carey foi enviado.

Em meio a todas essas amargas provações, todavia, o coração de Carey ficou firme, embora a ponto de despeda-

çar-se. O missionário expressou-se como segue: "Por que, minha alma, te inquietas dentro em mim? As coisas podem tornar-se muito melhor do que espero. Deus sabe de tudo, e Deus tem cuidado de nós". Que coragem!

Na época de William Carey, os teólogos criam que a ordem de Cristo que diz: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura" fora dirigida exclusivamente aos apóstolos, e que de forma alguma lhes dizia respeito. Não admira, portanto, que o planejamento e preparo do trabalho missionário fossem tão árduos.

Quando, finalmente, Carey partiu para o campo, já foi sobrecarregado com os problemas de duas senhoras que não simpatizavam com a causa: Sua esposa e a cunhada. Levou ainda mais quatro crianças pequenas, além de um colega excêntrico, que vivia endividado. Para piorar tudo isso, Carey não foi bem entendido pela própria Sociedade Missionária que o enviara, foi caluniado por seus adversários e perseguido pelos nativos a quem viera ganhar para Cristo.

Porventura algum homem já enfrentou a tarefa de evangelização do mundo em circunstâncias tão desfavoráveis? Não obstante, Carey resistiu à provação, passou no teste e se tornou o pai das modernas missões evangélicas. Sua vida mais se parece com uma história fictícia.

Na atualidade, os missionários voltam de férias às suas pátrias de origem a cada ano. Os pioneiros não gozavam deste privilégio. Alguns deles não tornaram a ver sua pátria pelo espaço de quinze e até mesmo vinte anos; outros só a reviram uma ou duas vezes durante toda a sua existência. Muitos retornaram ao campo missionário para nunca mais voltar. À semelhança de David Livingstone e do martirizado James Chalmers, faleceram em seus respectivos postos.

É difícil ler a vida daquele personagem solitário e sofredor, James Gilmour, na Mongólia, sem sentir também parte das aflições pelas quais ele passou.

Todavia, de todas as biografias que tenho estudado nenhuma tocou tanto o meu coração como a de Adonirar Judson, na Birmânia. O que Judson sofreu, nenhuma língua é capaz de narrar. Aquele horrendo pesadelo, na masmorra da Birmânia, jamais será esquecido. Tal angústia ultrapassa o poder de descrição da linguagem humana. Quão vividamente a sra. Morrow pinta esta angústia, em seu comovente livro *The Splendour of God (O Esplendor de Deus)*.

### **Dificuldades e Provações**

Ninguém pensaria sequer em viver nas regiões de clima tropical, a menos que estivesse à procura de muito dinheiro ou em busca de almas. Somente as pessoas que moram nos trópicos sabem como o clima úmido suga a vitalidade do indivíduo, enquanto o calor insuportável lhe torna miserável a existência. Pense nas doenças tropicais, nas febres, nos insetos e em outras pestilências. Quem abandonaria o frio revigorante das zonas de clima temperado por um calor abrasador, a troco de nada?

Pense também nas dificuldades de quem estuda um novo idioma. Não é fácil dominar uma nova língua. Muitos dos servos de Deus têm lutado com línguas estrangeiras até o ponto de quase achar que devem desistir, arrastados à beira do desespero.

Talvez o problema mais difícil consiste em encontrar companhia humana que agrade aos missionários em terra estranha. Os missionários são seres humanos normais. Os temperamentos das pessoas diferem. Tão acalorada foi a discussão entre Barnabé e Paulo que foram obrigados a se separar.

Os obreiros podem ser indivíduos de alta espiritualidade e, no entanto, ser constituídos mentalmente de tal modo que podem ter dificuldade para relacionar-se bem uns

com os outros.

Acima de tudo, considerem-se a solidão e a separação de seus entes queridos, longe, na pátria. São problemas comuns na vida de todo missionário. O lar a que ele pertenceu em criança, os cenários com que se tornara tão acostumado, os amigos e parentes, as ruas e cidades modernas, a civilização de seu país, com todos os seus confortos... todas essas vantagens, todos esses valores precisam ser abandonadas em troca de um ambiente e culturas inteiramente diversos.

O missionário é forçado a viver em um país onde tudo lhe é estranho. Tem períodos de solidão nunca antes experimentada. Solidão que às vezes se torna quase insuportável.

E que diremos das enfermidades que assolam o obreiro? Doenças onde há pouquíssimos hospitais; onde médicos e enfermeiras quase inexistem. Adoecer no próprio lar, na pátria, cercado de todo conforto e com toda a variedade de alimentos, é uma coisa. Mas adoecer em terra estranha, no meio de pessoas estranhas, é algo muito diferente. A depressão provocada pelas febres, quem poderia descrevê-la?

Seguir a trilha de David Livingstone, ao longo de seus numerosos períodos de enfermidade, nas florestas infestadas de febres e pestes da África, é ter uma pálida idéia do que significa ir viver em certas regiões do terceiro mundo.

Talvez a maior provação de todas seja deixar para trás os próprios filhos. Essa cruz não pode ser avaliada nem entendida por ninguém, senão por aqueles que a têm carregado. Por alguns poucos anos as crianças podem permanecer no campo missionário; mas chega finalmente o tempo em que terão de partir para a escola, no país de seus pais, onde crescerão sem pai nem mãe. E quando os seus pais retornarem ao país, em férias, quase não poderão reconhecer os próprios filhos.

É indescritível a agonia dos missionários que vivem em países estrangeiros, enquanto seus filhos têm de viver em suas pátrias de origem, a milhares de quilômetros de distância. Contudo, esses fardos têm que ser carregados, essas dificuldades precisam ser superadas, para que o Evangelho possa ser anunciado em terras pagãs.

### **Os Três Freds**

Em algum lugar das imensas e opressivas florestas do Brasil, jazem os restos mortais de três corajosos pioneiros do Reino de Cristo. Seus espíritos partiram em triunfo para o trono do Senhor. A história completa dos seus últimos dias talvez jamais possa ser conhecida neste mundo. Só é conhecida por aquele bando de ferozes e selvagens índios caiapós que, até onde podemos deduzir, parecem tê-los cercado em emboscada para massacrá-los sem piedade.

Refiro-me aos assim chamados Três Freds, mortos a golpes de tacape em 1935. Esta foi a última mensagem que nos deixaram: "Irmãos, ponde-vos ao nosso lado como um só homem. Caso o resultado seja aquele que menos desejamos, então orai e enviai outros que continuem a obra que o Senhor começou". Noutra carta haviam escrito o seguinte: "Caso seja da vontade do Senhor que sejamos tomados para a glória, a nossa oração é que mais homens e mais recursos sejam prontamente enviados para dar continuidade a esta obra".

Em outra carta ainda, escrita quando já avançavam pelas trilhas das florestas, disseram: "A qualquer momento, durante este avanço, poderemos ser flechados; então, quando nos defrontarmos com os índios, o Senhor terá de operar de maneira maravilhosa para salvar-nos dos seus tacapes, com os quais têm matado muitos outros obreiros". Mas o Senhor não achou por bem salvá-los daquela

morte. Cabia-lhes serem martirizados.

Um das linhas do poema de Fenton-Hall, que posteriormente também se tornaria mártir da causa de Cristo, talvez possam expressar melhor os sentimentos:

“E concede que, se eu por Ti morrer,  
Ó Jesus Cristo, meu Senhor,  
Aos que virem minha morte  
Que teu sangue possam conhecer.  
Ó Cristo, meu Senhor! vem em mim habitar,  
para que até mesmo no meu martírio,  
Os que o virem sejam motivados a buscar  
O teu sangue remidor”.

Richard Williams estava morrendo de fome, como mártir. Entre as suas últimas palavras podemos frisar as seguintes: “Tenho certeza — quer ganhe a vida quer a morte — que a vontade de Deus seria sempre a minha escolha. Se porventura qualquer coisa impedir que eu prossiga, que todos os meus queridos, em casa, fiquem certos de que sempre me senti feliz além de minha capacidade de expressão, e que não trocava de lugar com qualquer homem vivo.

“Que tenham igualmente a certeza de que as minhas esperanças estão repletas e florescentes com a imortalidade; que o Céu, o amor e Cristo se encontram no meu coração; que a esperança da glória, a esperança que me aguarda entesourada no Céu, tem enchido meu coração todo de alegria e felicidade, e que para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro: e que posso asseverar: ‘... de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir a estar com Cristo, o que é muito melhor’”. Verdadeiramente, Richard Williams recebera uma visão do céu.

**Allan Gardiner**

Junto com Williams morreu um santo marinheiro, capitão Allan Gardiner. Lentamente ele sucumbiu d fome. "Um punhado de arroz, dois bolos de chocolate, sei ratos, e meio quilo de carne de porco", era tudo que restava para sustentar a vida dele mesmo e de seus heróicos companheiros.

A despeito disso, foi assim que ele enfrentou sua situação: "A minha oração é que o Senhor meu Deus seja glorificado em mim, sem importar o que aconteça, pela vida ou pela morte, e queira o Senhor, se tivermos de perecer, levantar e enviar outros trabalhadores para esta seara, a fim de que o seu nome seja glorificado e o seu reino expandido, mediante a salvação de multidões, dentre os habitantes desta terra pagã".

Ao aproximar-se o fim, Gardiner, apesar de tão grande aflição, escreveu o seguinte: "Bendito seja meu Pai celeste devido às muitas misericórdias de que desfruto: um leito confortável, sem dor e sem o suplício da fome, embora excessivamente débil, quase impossibilitado de virar-me na cama. Pela sua graça infinita, sou conservado em perfeita paz, sempre renovado pelo senso do amor de meu Salvador e pela certeza de que tudo é sábia e misericordiosamente determinado".

Finalmente, na solitária e hostil Patagônia, o último sobrevivente do grupo passou para o céu, recebendo a sua recompensa celeste. A cena é pintada por Jesse Page com estas palavras:

"Agora havia quietude total naquela praia e, à vista do céu e do mar, os mártires jaziam insepultos. Cessaram os lentos e dolorosos passos sobre os pedregulhos, não se ouviam mais as palavras reverentes de louvor e confiança, sussurradas com a respiração enfraquecida dos moribundos. Deus enviara o seu mensageiro para fazer cessar o sofrimento dos santos, que agora descansam em paz.

‘Ele dá aos seus amados o sono’”.

Por fim seu corpos foram encontrados; celebrou-se um culto ali, ao ar livre.

“Três tiros de mosquete foram disparados junto ao sepulcro, e lentamente os celebrantes se retiraram para o navio. E uma vez mais elevou-se a maré, inundando a praia deserta; as aves marinhas mesclaram seus gritos aos gemidos e soluços do vento. Ressoou por sobre a sepultura o cântico fúnebre das muitas águas, enquanto a neve caía mansa, sem o menor ruído, cobrindo com um manto branco o lugar onde dormiam os santos”.

Sim, Allan Gardiner e seus corajosos companheiros haviam efetivamente recebido a visão. Não conseguiram fazer nenhum convertido. Sofreram sozinhos, porquanto as suas esposas, os seus entes queridos e as suas famílias encontravam-se muito longe dali. O socorro chegou tarde demais. Todavia, deram jubilosamente as suas vidas pelos selvagens índios da pagã e sombria Patagônia.

Teriam morrido em vão? Ah, não! O sacrifício desses mártires logo se transformou na semente da Igreja, e seguiu-se maravilhosa colheita de almas. Alguém teria de ser o pioneiro, e Gardiner respondeu à chamada. Poderíamos fazer menos?



## Capítulo 7



# O PROGRAMA MISSIONÁRIO

Aos dezoito anos de idade eu estava entre os índios da Colúmbia Britânica, no Canadá, a cerca de seis mil e quatrocentos quilômetros de distância de minha casa. Não passou muito tempo e eu passei a viver sozinho em uma reserva indígena, ensinando os selvagens a ler e a escrever, e pregando aos domingos.

Eu tinha de providenciar a minha própria lenha. Havia apenas uma árvore cujos galhos pegavam fogo quando verdes. Eu tinha que levar comigo um menino índio e localizar uma árvore suficientemente próxima da praia para que, uma vez derrubada, ela caísse no mar. Somente então eu podia cortar-lhe os galhos e puxá-los até à aldeia, onde eu podia parti-los em achas de lenha para alimentar o fogo.

Eu arrastava a minha cama para bem perto do fogão e cuidava que o fogo continuasse queimando a noite toda. Se o fogo se apagasse, eu tinha que levantar-me e reacendê-lo. As noites eram extremamente geladas, e me faziam sofrer muito.

Eu tinha que cozinhar minhas próprias refeições. Dispunha apenas de uma mesa, três ou quatro cadeiras, e uma cama tosca, de artesanato caseiro; essa era toda a minha mobília. E assim era: Eu me via compelido a suportar todas as provações da vida na fronteira, em uma

aldeia indígena, nos limites com o Alasca.

Segundo o conceito comumente expresso pela palavra, eu era um missionário. Porém, não era pioneiro. Eu estava ali tomando conta de um posto missionário. Eu cuidava de um pequeno forte; prestava serviço onde outros haviam servido antes. Pois todos os índios a quem eu estava ministrando já haviam sido evangelizados. Por conseguinte, eu estava edificando sobre fundamento alheio. Eu ainda não me dirigira àqueles que nunca tinham ouvido as Boas-Novas.

## **David Livingstone**

David Livingstone passou por experiência quase idêntica. A diferença foi que ele foi adiante. Ele escrevera à Sociedade Missionária, em sua terra natal, salientando quão necessário era fazer que os homens saíssem dos postos missionários e se espalhassem por toda a região densamente povoada, ao norte da África. A junta missionária não concordou, mas nem por isso Livingstone deixou de ir.

Percebeu que teria de abandonar as trincheiras e lançar-se ao ataque. Compreendeu que as táticas defensivas jamais produziriam resultados, e que era necessário assumir a ofensiva. Acreditava em trabalho pioneiro, e assim, voltando a face para as trevas, foi penetrando mais e mais na escuridão da noite.

O seu lema e desafio era: "Para qualquer lugar, desde que seja para frente, em Cristo". Deixando para trás as áreas já evangelizadas do continente, mergulhou no desconhecido. O seu objetivo era atingir povos e tribos que nunca tinham ouvido o Evangelho.

Robert Moffatt compreendeu isso, pois, escreveu para David Livingstone o seguinte: "Não te assentes alegre em preguiçoso lazer. Não escolhas um posto antigo. Prosse-

gue em direção aos vastos territórios pagãos do norte. Nessas regiões, em certa manhã clara, percebi a fumaça saída de mil aldeias. Ali nunca esteve nenhum missionário. Ali é que fica o teu campo de trabalho”.

Aí está, meu amado irmão, o trabalho real do missionário autêntico. Só assim é que podemos apressar a volta do Rei. Deus está chamando pioneiros em nossos dias. Por que, então, haveríamos de edificar sobre os alicerces postos por outrem? Dirija-se àqueles que nunca ouviram as Boas-Novas. Abra novas trilhas. Seja um pioneiro.

Um chefe de tribo africano interrogou David Livingstone: — Se é verdade que todos quantos morrem sem perdão estão perdidos para sempre, por que os homens de sua nação não vieram anunciar-nos o Evangelho antes? Meus antepassados já faleceram todos, e nenhum deles sabia nada das coisas que você nos tem dito.

Precisamos abandonar a técnica da substituição e abraçar a do pioneirismo. Por várias décadas a Igreja se tem concentrado nas mesmas localidades, ao invés de avançar para as trevas mais adiante. Precisamos de quem abra picadas. É preciso que os pioneiros reajam de modo positivo à chamada.

“Eu sou devedor...” (Romanos 1:14). Paulo sabia esse fato e o reconhecia — devedor à África; devedor à China e à Índia; devedor à América do Sul e às ilhas do Pacífico. “Eu sou devedor...”, mas você também é. Cada um de nós é devedor, de modo semelhante. Paulo nos deu o Evangelho, mas ai de nós se o quisermos conservar para nós mesmos. É necessário que o transmitamos àqueles a quem nada se pregou acerca de Cristo.

“Eu sou devedor, clamou o grande pescador,  
Estou pronto para ir, aonde quer que for;  
Às regiões onde a mensagem do Salvador  
É ignorada por todo pecador.  
Eu sou devedor, e devo o Evangelho levar

Às nações pagãs, a todo e qualquer lugar;  
Não importa quão longe, devo-me apressar,  
E as terras sombrias, sem luz, atravessar”.

Daniel Crawford compreendeu a mensagem. Tinha apenas dezenove anos de idade quando partiu para África, embora fosse filho único. Na estação de Glasgow na Escócia, em meio ao pequeno grupo que veio despedir-se, estava sua mãe. E quando alguém veio consolá-la com uma palavra terna, ela testemunhou: — Deus não poupou o Seu próprio Filho.

Vinte e dois anos se passaram até que ela o viu novamente. Sim, vinte e dois anos Crawford trabalhou na África sem um só período de férias. Na África ele sepultou seu filho. Na África, em meio a uma solidão indescritível atacado vezes sem conta pelas febres, chegando muitas vezes bem perto da morte, ele viveu, lutou e sofreu.

Quando eu ainda era estudante em Chicago, ouvi-o uma vez, e jamais poderei esquecer-me dele. Faleceu aos cinquenta e seis anos. Daniel Crawford havia recebido a visão missionária.

David Brainerd foi outro que ouviu a chamada. “Declaro, agora que estou morrendo, que não teria gasto minha vida de outro modo, nem mesmo para ganhar o mundo inteiro”. Estas foram palavras suas. E mais: “Não me importou onde teria que viver, nem como viver, nem por quais provações teria que passar, contanto que de uma ou de outra forma eu pudesse ganhar almas para Cristo”.

“Livra os que estão destinados à morte, e salva os que cambaleiam para a matança. Se disseres: Não o soubemos, não perceberá aquele que pondera os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? Não pagará ele ao homem conforme a sua obra?” (Provérbios 24:11, 12).

O nosso dever é perfeitamente claro. Compete-nos evangelizar o mundo. Este é o programa de Deus para a sua Igreja. Queira Deus que sejamos fiéis à visão.

## Capítulo 8



# PRINCÍPIOS MISSIONÁRIOS FUNDAMENTAIS

Após ter visitado setenta diferentes países da Europa, da Ásia e das Américas; após haver pesquisado e estudado cuidadosamente os métodos missionários empregados em diversos campos; após ter tomado parte em conferências e convenções missionárias por muitos anos; após haver lido, orado e meditado extensivamente, cheguei às seguintes conclusões bem definidas com referência à obra missionária.

### **Nossa Obra Deve Ser Evangélica**

Não há lugar para a Alta Crítica nem para o Modernismo Teológico em nossas fileiras. Cada obreiro precisa crer com toda a lealdade nos grandes princípios fundamentais da nossa fé. Nenhuma pessoa deve ser aceita como missionário se põe em dúvida o nascimento virginal de Jesus, a divindade de Cristo, a sua morte vicária, a salvação pela fé, a necessidade de regeneração, a inspiração divina e a impossibilidade de erro das Escrituras, a ressurreição corpórea de Jesus Cristo, e o seu retorno antes do milênio. Aceitar pontos de vista contrários a

estes é aceitar a tragédia. Uma casa dividida contra si mesma não pode ficar de pé. É necessário que vigiemos para que os nossos recursos não sejam usados para ajudar os inimigos do Evangelho.

### **Nossa Obra Deve Ser Evangelística**

Nossa tarefa é evangelizar o mundo. Cristianizar as nações nesta dispensação é impossível, e tampouco é este o plano de Deus. Nosso trabalho consiste em cooperar com o Espírito Santo no reconhecimento de "... um povo para o seu nome" (Atos 15:14).

Não devemos diversificar os nossos esforços, dando atenção à construção de hospitais, nem nos devemos dedicar à carreira da medicina. Também não devemos erigir escolas e colégios, usando o nosso precioso tempo para educar incrédulos. Tampouco devemos consagrar-nos à melhoria das condições sociais, políticas e culturais daqueles que não se interessam por Cristo, como se outra coisa, fora da evangelização, fosse nossa tarefa primordial.

Nem sequer nos cabe tentar introduzir a nossa civilização ocidental, fazendo um esforço no sentido de alterar as maneiras e os costumes dos povos. Poderemos aliviar enfermidades simples enquanto cuidamos do nosso trabalho, ou nas clínicas, mas tão somente para que as pessoas possam ouvir o Evangelho. E, naturalmente, devemos procurar ensinar tanto os crentes como os interessados no Evangelho a ler e escrever, para que possam estudar a Bíblia. Também não devemos esquecer-nos das crianças. Contudo, jamais poríamos qualquer dessas atividades em primeiro lugar, no ministério.

Nossa tarefa é pregar o Evangelho, e jamais nos devemos desviar cuidando de ocupações secundárias. As tarefas institucionais colocam a carruagem à frente do cavalo. Porém, o Evangelho deve ocupar o primeiro lugar.

Somente assim é que os selvagens embrutecidos poderão ser salvos. Somente assim é que os incrédulos podem ser convertidos e transformados em santos. Os sub-produtos da novo nascimento seguir-se-ão no devido tempo, conforme a necessidade. Empreguemos o nosso dinheiro na conquista das almas dos pecadores, e o nosso investimento perdurará para sempre.

### **Nossos Missionários Não Devem Ser Pastores de Igrejas Nativas**

Convido você a pensar um pouco nisto: Que tal se pastores chineses ou africanos viessem pastorear nossas igrejas? Quanto tempo demoraria para que houvesse uma tremenda rebelião? No entanto, há missionários estrangeiros tentando pastorear igrejas e congregações nativas!

A visão do mundo a ser evangelizado, o mundo em sua inteireza, o mundo todo, nunca deve sair de diante dos nossos olhos. Tão logo houver alguns convertidos no campo missionário, deve-se estabelecer uma congregação. Que se nomeiem presbíteros, para que trabalhem como superintendentes do rebanho. E o missionário poderá passar adiante, seguindo o exemplo de Paulo, indo aos campos ainda não evangelizados.

### **Faz Parte do Trabalho do Missionário Treinar os Crentes Nativos**

Jamais poderemos enviar um número suficiente de obreiros treinados, que ocupem cada vila, aldeia e cidade ao redor do mundo. Mas com alguns poucos missionários, que treinem de modo adequado os obreiros nativos de determinada nação, podemos evangelizar essa nação inteira. Esta foi a orientação dada por Jesus. O Senhor

treinou os doze e os enviou. Depois treinou os setenta, e os enviou.

Sigamos, pois, o seu exemplo. Que cada um dos nossos missionários escolha e treine os seus doze, e os envie; depois os seus setenta, e os envie. O melhor método para isto é estabelecer acampamentos temporários de treinamento, ou levar os obreiros a Institutos Bíblicos bem localizadas, no centro da cidade, para breves mas intensos períodos de estudo.

### **Os Pastores e as Igrejas Nativas Não Devem Ser Sustentados Com Recursos do Estrangeiro**

A obra deve poder sustentar-se a si mesma, governar-se a si própria, propagar-se por seus próprios meios — desde o início. Ninguém pode tornar-se sadio e forte enquanto estiver apoiado em outrem. Uma vez formado o hábito da dependência do estrangeiro, é difícil eliminá-lo. As igrejas se tornam fracas e indolentes, ao invés de poderosas e dinâmicas, por causa do sustento que vem do estrangeiro.

É assim que se dissipa a visão do evangelismo e suas responsabilidades, e o resultado, em muitos casos, tem sido desastroso.

Todavia, devemos dar reconhecimento aos “companheiros de Paulo”, a saber, aqueles evangelistas nativos que foram treinados em algum Instituto Bíblico, os quais necessitam de ajuda para a abertura de novos territórios missionários.

Enquanto estiverem desempenhando trabalho pioneiro em áreas ainda não conquistadas, e continuamente avançando, devem ser sustentados pela missão, pelo menos enquanto as congregações fundadas não forem bastante fortes para arcar com a responsabilidade do sustento dos obreiros.

## **Como Regra Geral Devemos Visar os Maiores Centros Populacionais**

Este era o método de Paulo. Raramente ele se dirigia a uma vila. Ele ia trabalhar nas grandes cidades. Nunca procurava as ruelas de bairros distantes; pelo contrário, procurava as sinagogas bem conhecidas, localizadas no centro. Assediava os mercados, onde todos se congregavam.

Implantou o Evangelho em primeiro lugar em cidades como Éfeso, Corinto, Filipos e Roma, todas grandes centros de população. Depois, então, partindo desses centros maiores, o Evangelho era divulgado por todas as regiões ao redor.

## **Devemos Concentrar-nos Nas Áreas Ainda Não Evangelizadas**

Se quisermos que volte logo o nosso Rei, se quisermos apressar o Seu retorno, é preciso que levemos o Evangelho até à última tribo, até ao último povo, até à última nação. Precisamos ir às “regiões além” das atuais fronteiras dos povos evangelizados, aos lugares onde Cristo “não é conhecido”. Sempre foi este o método de Paulo. Ele não tinha prazer em edificar sobre o alicerce lançado por outra pessoa. O lugar de maior necessidade é sempre o lugar onde Deus dá a maior oportunidade. Jesus nunca se esqueceu das “outras aldeias” nem das “outras ovelhas”.

## **Nas Questões Financeiras Deve Haver Informação, Oração e Fé**

A informação resulta em inspiração. Reter informações referentes à obra ou às necessidades, é negar ao povo de

Deus certas bênçãos espirituais que de outro modo gozariam. Incontáveis números de pessoas jamais ouviram falar sequer da existência da obra e dos esforços dispendidos, a menos que se realizem grandes convenções e conferências para que estes trabalhos sejam conhecidos.

As organizações missionárias necessitam de nossa ajuda, mas nós também precisamos da inspiração e da bênção que o conhecimento do trabalho delas, e de suas necessidades, nos provê.

Solicitar de um novo candidato à obra missionária que obtenha centenas de reais para pagar suas despesas de viagem, seu equipamento e sustento, e em seguida proibir-lhe que se faça conhecido, é simplesmente absurdo. Nem todos fomos chamados para ser um Jorge Mueller.

Todavia, além de informar o povo, também precisamos falar com Deus. A oração e as missões seguem de mãos dadas. A maior ajuda possível à obra missionária é a intercessão. Só podemos avançar de joelhos. Deus prometeu responder às nossas orações; e se Ele não nos responder, se formos obrigados a enviar salários incompletos, devemos procurar saber onde está o erro, imediatamente.

Se a nossa prática missionária não funcionar, é inútil insistir. Não há outro método, senão o de confiar em Deus. Então, confiemos de modo total. Ele pode tocar no coração das pessoas, em resposta à oração de fé, e levar seu povo a agir com base nas informações recebidas. E então a obra prosseguirá.

### **Nunca Devemos Ficar Endividados**

“A ninguém devais coisa alguma...” (Romanos 13:8), é a Palavra divina. Desobedecer a ela é cortejar o desastre. Não temos o direito de avançar enquanto Deus não suprir

os fundos necessários. Primeiramente aguardemos que sejam respondidas as nossas orações em que pedimos os fundos de que estamos precisando, em vez de prosseguir, e em seguida parar, à espera de recursos que não chegam. Se Deus vai satisfazer às nossas necessidades depois, com a mesma facilidade pode satisfazê-las agora.

Jorge Mueller gastava apenas aquilo que Deus lhe dava antecipadamente. Primeiro ele orava pelo dinheiro de que precisava, e ficava esperando em Deus; antes de prosseguir, queria receber a resposta da oração. Essa é sempre uma forma segura de proceder. Não temos o direito de incorrer em dívidas para que outros as paguem. Não vamos entrar em dívidas. Fiquemos longe das dívidas. A dívida é uma desgraça. Desonra a Deus.

### **Os Salários Devem Basear-se Nas Necessidades e Não no Valor**

O melhor plano consiste em compartilhar. Deve-se compartilhar em porções iguais, isto é, se tivermos fé suficiente para conservar o vaso cheio; então haverá o bastante para todos. É perigoso pagar salários polpudos. A maioria das Missões de Fé separa exatamente o suficiente para satisfazer o custos de vida, o que é sábio. Não situa o missionário num nível alto demais, em comparação com os crentes nativos. E não sobrecarrega a igreja de sua terra natal, que se sacrifica a fim de sustentá-lo no campo. Equipamento em demasia é um empecilho, e não uma bênção.

### **Nossas Despesas Gerais Devem Ser Sempre Baixas**

Uma das maiores críticas feitas contra a obra missionária, em nossos dias, é provocada pela proporção

de recursos financeiros alocados para as despesas gerais, nas sedes das missões. Eu aconselharia com veemência todo contribuinte a que descobrisse exatamente que proporção de cada real doado chega ao campo missionário, e que proporção é gasta em despesas gerais, isto é, na sede administrativa.

Certamente quinze por cento deveria ser suficiente para cuidar das necessidades na sede central, e essa despesa precisaria aparecer sob essa designação. Se estamos contribuindo para os campos missionários estrangeiros, nosso dinheiro deve ir para os campos missionários estrangeiros.

Estes, portanto, são os princípios e práticas que deveriam governar a obra missionária. Ignorá-los é perigoso, pois equivale a abrir a porta para o desastre. Aplicá-los é experimentar as bênçãos de Deus.

## Capítulo 9



# **AS RELIGIÕES DOS PAGÃOS SERIAM BOAS PARA ELES?**

Os turistas de nosso país voltam para casa e dizem-nos que os pagãos vivem melhor do que nós, e que suas religiões são boas — para eles. Afirmam que os pagãos sentem-se felizes no paganismo, e que é um erro enviar-lhes missionários e destruir-lhes a cultura, própria daquela gente.

Ora, as Escrituras dizem que "... os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de violência" (Salmos 74:20). E assim realmente sucede. A dificuldade é que os turistas não permanecem tempo bastante para ver a realidade, e talvez nem sequer sejam cristãos regenerados, interessados nas coisas de Deus.

O paganismo lá fora, tanto quanto a incredulidade em nosso país, se caracteriza pela crueldade. O terror se apossa dos corações. As pessoas temem os maus espíritos, dia e noite, espíritos que de alguma forma violenta precisam ser aplacados.

### **Pequenina Tragédia na África**

Estou me lembrando neste momento de minha visita à

África, e da história que me foi relatada. De súbito ocorreu um falecimento numa aldeia: um bebê. Imediatamente foi chamado o feiticeiro-curandeiro. Os habitantes da aldeia se agitaram. Não demorou muito e ele apontou certa mulher, afirmando que ela causara a morte do pequenino. Ela protestou com veemência, e insistiu em sua inocência. Porém, a pobre mulher tinha que passar por um teste.

Levaram-na sem demora para junto de uma árvore no centro da aldeia. Foi-lhe ordenado que subisse a árvore acima e que se lançasse ao chão do galho mais alto. Ela começou a subir. A meio caminho ela se sentou num dos galhos e protestou inocência de novo. Todos sabiam que ela estava dizendo a verdade. Era uma das mulheres de mais excelente caráter da aldeia, muito respeitada por todos; mas se o feiticeiro-curandeiro a havia acusado de ser a culpada, tinha que provar a sua inocência.

Então a mulher se pôs a subir de novo, até que chegou ao galho mais alto da árvore. Ali se sentou e novamente reafirmou sua inocência. Não houve apelação: Perante os olhos horrorizados do missionário, ela se lançou dali, batendo no chão duro e morrendo instantaneamente. Quebrou quase todos os ossos do corpo. Então foi considerada culpada. Se fosse inocente, teria caído sem nenhum dano.

Casos como esse, meu caro irmão, têm acontecido centenas e centenas de vezes. **POR QUÊ?** Por causa da religião pagã. As religiões pagãs requerem testes desse tipo. Não há como escapar. Você gostaria de tomar o lugar daquela mulher? Ou você acha que a morte de uma ou outra pessoa, desta forma, “não faz muita diferença lá entre eles”? Enquanto você não estiver disposto a praticar a religião pagã, em sua plenitude de perversidade, desistindo do seu cristianismo, ainda que “nominal”, que ninguém jamais ouça você dizer: — A religião dos pagãos é suficientemente boa — para eles. Pois, se ela é suficientemente boa para eles, também o é para você.

## **Na Austrália, o Bumerangue do Diabo**

Agora estou relembrando uma visita que fiz aos aborígenes da Austrália. Bem no centro daquele continente existe um imenso deserto onde o calor é tremendo. É ali que vivem os aborígenes, quase nus, muitos dos quais dormem ao relento, sobre a areia. Uma mulher deu à luz um bebê. Mas um dos aborígenes adultos da aldeia faleceu de súbito. Agora é preciso descobrir o culpado da sua morte. Não demora muito e o feiticeiro-curandeiro se aproxima do recém-nascido. A mãe segura-o desesperadamente de encontro ao seio.

Porém, sem um momento de hesitação, o feiticeiro-curandeiro arranca o bebê de seus braços e, sem dar atenção aos gritos e soluços dela, põe a criancinha de costas na areia, abre-lhe a boca pequenina, toma uns punhados de areia e derrama-a pela boquinha e nariz do bebê. A areia desce garganta abaixo, entope as vias respiratórias, a criancinha morre sufocada. **POR QUÊ!** Porque a religião pagã o exige. É preciso que se faça um sacrifício humano. É necessário aplacar os maus espíritos.

Você gostaria de estar no lugar daquela pobre mãe? Se a religião dela é bastante boa para ela, então também deve ser suficientemente boa para você. Então, se você estiver disposto a permitir que o seu bebê seja arrancado de seus braços e morto como aquela criança, em nome da religião, você tem o direito de dizer que a religião dos pagãos ou dos incrédulos é suficientemente boa para eles. Ou será que você se considera melhor do que os outros, como ser humano?

Será que você pensa que aquela mulher não sofreu tanto quanto você sofreria, caso você estivesse no lugar dela? É claro que aquela mãe sofreu muito. O amor materno é instintivo. Até os animais irracionais o demonstram. No entanto, o feiticeiro-médico não tem mise-

ricórdia; os espíritos maus precisam ser aplacados mediante o sacrifício de uma criança. A religião daquela mãe é boa bastante para ela? Então deve ser boa bastante para você.

### **“Delícias” Das Ilhas do Pacífico Sul**

Também estou relembrando a visita que fiz às ilhas do Pacífico Sul. John Geddes foi um dos primeiros missionários que deixaram o Canadá a fim de trabalhar naquelas ilhas “paradisíacas”.

Ao desembarcar na praia, Geddes viu um grupo de pessoas. Viu também um homem prostrado no chão. Sob uma árvore estava uma mulher ainda jovem. Era a viúva daquele homem, que acabara de falecer.

De súbito, os nativos cercaram a mulher. Ela não opôs resistência nenhuma. Sabia muito bem o que a aguardava. Passaram uma corda ao redor do pescoço dela e apertaram o laço com toda força, com o objetivo de sufocá-la até que morresse. John Geddes correu e esforçou-se no sentido de salvá-la; mas foi rudemente empurrado para um lado.

Ordenaram-lhe que cuidasse da própria vida, pois, do contrário ele também perderia a vida, da mesma forma. E ali, perante os seus olhos horrorizados, viu a bela jovem viúva ser lentamente assassinada por asfixia mecânica. Depois, depuseram seu cadáver ao lado do corpo de seu marido.

**POR QUÊ?** Porque a religião deles requer que quando morre um marido, a sua viúva seja sufocada até morrer, a fim de acompanhá-lo na viagem mortal. O pior disso é que se o filho mais velho tiver idade bastante para essa tarefa, cabe a ele o trabalho de estrangular a própria mãe. De semelhante modo, todos os filhos do casal, se forem por demais pequenos, e por isso incapazes de sustentar-

se sozinhos, também devem ser mortos pelo mesmo processo. É determinação da religião. Religião pagã.

Você está disposta, cara irmã, a trocar de lugar com aquela viúva? Você saberia esperar impassível que uma turba impiedosa viesse matá-la, apertando-lhe uma corda ao redor do pescoço, caso seu marido morresse? Pois é: Se a religião deles é suficientemente boa para eles, então também deve ser boa para você também. Se não serve para você, não serve para ninguém. Não é mesmo?

### **Índia — Terra de Mistério, Romance e Morte**

Nunca me esquecerei da visita que fiz à Índia. Muitas vezes, depois dessa visita, estando eu andando às margens de um rio qualquer, em minha pátria ou noutra país, minhas memórias se voltam para aquele dia em que o cadáver de um homem foi colocado em cima de uma pilha de lenha.

Então a viúva, ainda jovem e gozando boa saúde, foi amarrada junto ao cadáver de seu marido. E os dois corpos, um morto e o outro vivo, foram queimados. Um sacerdote ateou fogo à pilha de lenha. Em meio aos gritos pavorosos da viúva, que morria queimada lentamente, os hindus fizeram um círculo, na fé de que os maus espíritos estavam sendo pacificados, e que agora o marido estaria acompanhado de sua esposa na outra vida.

Porventura você pretende afirmar que gostaria de trocar de lugar com aquela viúva? Milhares e milhares de viúvas morrem anualmente dessa maneira, na fogueira, por ocasião da morte de seus maridos, simplesmente por motivos religiosos. Será que a religião dos hindus é suficientemente boa para eles? Se você achar que é, entendo que também deve ser boa para você.

Se você, meu irmão, ou minha irmã, estiver disposto a trocar de lugar com aquela viúva, abandonando seu

cristianismo e aceitando aquela religião pagã, então você poderá dizer com sinceridade que a religião daqueles pagãos é suficientemente boa para eles, e que vivem melhor do que nós, em nosso país cristão. Poderia ser feliz uma mulher qualquer, se soubesse que diante da possibilidade da viuvez teria de sofrer a tortura da morte na fogueira? E os filhos dessa mulher, como se sentiriam? “.. os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de violência”.

### **O Islamismo — Estava Escrito: Deus na Cabeça**

Será que eu poderei um dia esquecer-me da tragédia daquele maometano que se pôs de pé, diante do povo, no centro da aldeia, e se golpeou na própria cabeça com uma enorme faca? O sangue jorrou aos borbotões. Em seguida aquele quase-suicida tomou uns jornais e foi colando-os naquelas feridas horrendas. Feito isso, com toda deliberação e calma riscou um fósforo e ateou fogo aos jornais. O pobre homem permaneceu de pé, enquanto o fogo fazia chiar o sangue, queimando os jornais, os cabelos, e a cabeça toda. O homem suportou uma agonia torturante, as dores mais excruciantes.

POR QUÊ? você poderia perguntar-me. Por causa de sua religião. Aqueles pagãos precisam flagelar o próprio corpo. Aquele homem tinha que sofrer. Era necessário que suportasse a tortura, se quisesse um lugar no céu. Foi por isso que ele se atormentou daquela maneira.

Você gostaria de substituí-lo? Seria a religião dele boa bastante para você? Será que poderia suportar aquele tormento? Oh, meu caro amigo, se você achar que a religião daquele homem é bastante boa para você, creio que poderá dizer que é suficientemente boa para ele. Por coerência, senão por amor.

## **O Vietnã, Esse Desconhecido**

Venha comigo até o Vietnã. Quero que você conheça uns indígenas de certa tribo. Uma menina está deitada de costas, tendo a cabeça firmemente presa entre os joelhos de um monstro desumano que, munido de uma serra de madeira, vai serrando sem piedade os seus belos dentes da frente, rente às gengivas. A abundante transpiração escorre pelo corpinho quase nu da menina, que suporta uma dor horrível, sem poder escapar. Os nervos dos dentes ficam expostos. O sangue jorra de sua boca.

A menina precisa sofrer aquela dor insuportável, até muito depois do término daquela odiosa e bárbara operação. Só então ela é solta, para daí por diante viver a vida inteira com horríveis gengivas desfiguradas. Você gostaria de trocar de lugar com ela? E que tal trocar sua filhinha por ela? Você gostaria que sua filha sofresse tal tortura?

Incontáveis milhares de crianças têm padecido tais torturas por causa de uma religião pagã — pequenas vítimas inocentes, incapazes de escapar, ou de se defender. Isso é o paganismo. Se tal religião é suficientemente boa para eles, então também deve ser bastante boa para você.

## **No Brasil, um Folclore Para Turistas**

Forças satânicas tentam impedir a evangelização dos índios brasileiros, sob a alegação de que estaremos permitindo a destruição da “cultura” dos indígenas. Padres católicos, alguns deles estrangeiros, aliam-se ao clamor de alguns “indianistas” profissionais no sentido de serem expulsos os missionários evangélicos que supostamente perturbam o inocente e tranqüilo modo de vida dos índios brasileiros — embora ainda estejam na Idade da Pedra.

Constantemente a imprensa nacional publica declara-

ções iradas de pessoas que defendem com fúria incontida a preservação da religião pagã dos índios brasileiros, e a expulsão drástica de todos os missionários. Parece que defendem, com isso, os cultos satânicos de nossos indígenas, a manutenção do temor dos maus espíritos e a aplacação da ira de seus deuses.

Minimizam a promiscuidade e total falta de higiene, as práticas religiosas que incluem o retalhamento do corpo a faca, a perfuração do nariz e da boca, com introdução de argolas enormes, desfigurantes, e o assassinato de crianças em determinadas situações, como quando nascem gêmeos, e um dos bebês deve ser sacrificado. Bastaria o conhecimento dessas e outras práticas pagãs perversas, impiedosas, que variam de tribo para tribo, para que nós cristãos, cheios de compaixão, em nome de Cristo, levássemos o evangelho redentor a essa raça em extinção.

**NÃO**, definitivamente não. Os pagãos do mundo inteiro, inclusive os índios brasileiros, **NÃO** vivem melhor do que nós. Ratos vivem melhor. **NÃO** são felizes, pois, suas vidas são desgraçadas. Na esmagadora maioria, sobrevivem em abjeta pobreza, e na mais boçal superstição. Sentem-se desditosos, sofrem, não conseguem livrar-se do terror dos maus espíritos. Não cessam jamais suas tentativas de acalmar os demônios que os perseguem.

Não paganismo não há descanso, nem paz e nem alegria. Somente Jesus Cristo pode proporcionar alegria. Portanto, façamos tudo quanto nos for possível para dar-lhes o Evangelho, antes que seja muito tarde para sempre, a fim de que experimentem o regozijo que você e eu conhecemos em Jesus Cristo. **QUE NUNCA MAIS UM DE NÓS DIGA: "É MELHOR QUE FIQUEM COMO ESTÃO. A RELIGIÃO DELES É SUFICIENTEMENTE BOA PARA ELES. NÃO DEVEMOS DESTRUIR A CULTURA DELES"**.

## Capítulo 10



# MISSÕES POR MEIO DO EVANGELISMO

As grandes campanhas de evangelização são necessárias tanto nos campos missionários estrangeiros como em nossa terra. Porém, somente em alguns poucos centros populacionais tais campanhas foram efetuadas. E isto há bastante tempo. Vimos uma ou outra campanha na América do Sul e na América Central, bem como nos campos missionários da Europa. Na sua maioria as sociedades missionárias não têm usado o método de evangelismo em massa.

Acredito que cada cidade importante dos campos missionários estrangeiros deveria desfrutar de campanhas de evangelização. Tais campanhas deveriam ser efetuadas nos principais auditórios de cada cidade, com bastante propaganda prévia. Que se tomassem todas as providências cabíveis para que as multidões fossem atraídas às reuniões. A grande verdade é que é mais fácil juntar grandes auditórios em terras estrangeiras do que nos chamados países cristãos.

### **Preparando o Caminho**

Se você se lembra bem, Paulo saía por toda parte

pregando o Evangelho, e não se intimidava, ainda que o inimigo insuflasse uma rebelião e o ameaçasse de morte. Ele percorria as cidades, uma a uma. Em todas, o inimigo provocava agitação e às vezes Paulo era encarcerado. Paulo sabia que não poderia calar-se; tinha a obrigação de falar de Cristo.

As pessoas deveriam ser arrancadas das trevas. Precisavam manifestar-se diante da pregação do evangelho: aceitá-lo ou rejeitá-lo. Enquanto se mantivessem indiferentes, como se a pregação do evangelho fosse ninharia, os resultados seriam poucos.

A maneira mais rápida de tornar o Evangelho conhecido, de ponta a ponta, em qualquer cidade, é provocar um levante, uma perturbação capaz de excitar e interessar a todos, algo de que os jornais e a televisão gostam, pois aproveitem o escândalo e o publicam como notícia.

Quer se mostrem contrários, quer favoráveis, quer escrevam condenando, quer elogiando a pregação do Evangelho, isso não faz a mínima diferença. O principal objetivo é forçar homens e mulheres a falarem a respeito, que todos discutam a questão e tomem partido, que haja controvérsia.

Diante disso é que os missionários podem realizar seu verdadeiro trabalho, que é colher almas para Cristo. Encontram-se com pessoas que sabem algo sobre a questão que todos estão discutindo, e isso facilita a tarefa de expor as coisas espirituais, de espantar as trevas de satanás com a luz de Cristo.

Uma perturbação geral é de inestimável valor. Judeus tomados do espírito demoníaco arrastaram "Jasom e alguns irmãos à presença das autoridades" de Tessalônica, dizendo: "Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui" (Atos 17:1-9). Nada existe melhor do que uma vigorosa campanha de evangelização para criar um levante assim.

Que todas as congregações evangélicas de todas as

idades, aqui ou nos campos missionários, se reúnam e organizem grandes campanhas de evangelização, visando a conquista de almas, nos auditórios mais espaçosos. Que o façam em cooperação. Somente assim poderão avançar.

Um menininho se perdeu. Centenas de pessoas puseram-se a procurá-lo, mas em vão. Finalmente fizeram uma busca conjunta — 1000 pessoas — e começaram a percorrer os campos. Não demorou muito e o menino foi encontrado, porém, tarde demais — estava morto. Tinham trabalhado isolados durante muito tempo. Se se tivessem unido mais cedo, teriam salvo a criança.

No decurso do outono de 1957 realizei oito campanhas de evangelização na América do Sul. Em Montevidéu, Uruguai, setenta e uma igrejas se juntaram e realizaram as maiores concentrações da história daquela cidade. Mais de seiscentas pessoas entregaram-se a Cristo em uma semana. Milhares de pessoas foram abençoadas e ajudadas. O auditório mais espaçoso do país, com oito mil e quinhentos lugares, ficou lotado.

Em Buenos Aires, na Argentina, trezentas igrejas cooperaram, e o povo se juntou num auditório com capacidade para vinte e cinco mil pessoas. O local ficou lotado. Houve 1.500 decisões por Cristo.

O mesmo ocorreu em São Paulo e Curitiba, no Brasil, em Rosário, na Argentina, Santiago do Chile e em Lima, no Peru. Quase seis mil pessoas se apertavam em um edifício onde quatro mil podiam sentar-se. Centenas encheram as salas de entrevistas com os interessados. Nessas oito campanhas houve cerca de dez mil decisões. Cerca de metade dessas pessoas se decidiram por Cristo pela primeira vez em suas vidas.

## **Fazendo o Convite**

Faz muito tempo já. Eu viajava através da região na

época chamada de Índias Orientais Holandesas. Foi-me solicitado que efetuasse uma campanha evangelística em um tabernáculo que fora recentemente erguido numa grande cidade. Atendi.

Noite após noite, preguei o Evangelho do Senhor Jesus Cristo a budistas, islamitas e seguidores de outras religiões. O tabernáculo ficava repleto de gente. Até mesmo os temíveis caçadores de cabeça de Bornéu estiveram presentes em grande número. Foi grande privilégio pregar-lhes a mensagem de salvação.

Pelo meio da campanha, senti que já era chegado o momento de fazer o apelo. Dirigi-me aos missionários e disse-lhes que faria o convite a homens e mulheres perdidos a que aceitassem a Jesus Cristo naquela noite. Exortei-os a que se preparassem para iniciar um trabalho pessoal no meio do povo. Olharam para mim espantados. Não estavam compreendendo o meu pedido.

— Que é que há? perguntei. Qual é o problema? Vocês não querem que eu faça um apelo?

— Não — retrucaram. — Para falar a verdade, aqui nunca fizemos um convite dessa natureza. O senhor não pode fazer isso.

— Não posso! E por que não? — Indaguei.

— Bem, é que não se faz isso aqui, não se age assim aqui. Simplesmente ninguém faz apelos.

— Mas por que não? — insisti. — Por que não se pode fazer apelos?

— Oh, o povo ficaria desanimado — responderam. — Se o senhor fizer um apelo e ninguém vier à frente, será perigoso. Não teríamos mais coragem de encarar o povo.

— E então como é que vocês conquistam almas para Cristo?

— Bem, continuamos pregando e lançando a semente — replicaram. Finalmente alguém se convence e vem indagar sobre o caminho da salvação. Explicamos tudo e nos esforçamos por conduzir os pecadores a Cristo.

— E quantos aceitam a Cristo por esse método? — perguntei.

— Bem, não muitos. Não compreendemos bem o porquê. Só ganhamos alguns, bem poucos. Porém, não conhecemos outra maneira de obter resultados.

— Pois bem, — concluí. — Esta noite farei um apelo. Tenho viajado pelos campos missionários russos da Europa. Por toda parte por onde tenho ido, tenho realizado campanhas de evangelização nas maiores cidades, e sempre fiz apelos. Viajei pela Espanha, e agi do mesmo jeito. Também estive na Alemanha, na França, na Polônia e em muitos outros países, dirigindo reuniões evangelísticas. Por onde quer que eu tenha ido, convidei homens e mulheres a que aceitassem ao Senhor Jesus Cristo. Se tem dado certo nestes lugares, também dará certo aqui. Por que não? Portanto, esta noite farei um apelo.

Mas eles objetaram ainda:

— Mas achamos que não vai funcionar. Apelos não têm efeito aqui. Os orientais são um povo diferente. Não atenderão ao seu convite.

— Apesar de tudo, vou tentar. Vejamos o que Deus fará. Ele pode dar-nos a vitória.

Finalmente, em meio a muitos protestos, acabaram concordando.

À noite, terminada a mensagem, imediatamente fiz um apelo. E pedi:

— E agora, todos aqueles que querem ser salvos esta noite, por favor levantem as mãos.

Imediatamente se ergueram cerca de cinquenta mãos. E continuei:

— E agora, todos os que levantaram a mão poderiam levantar-se, por favor?

Ninguém se mexeu. Ninguém se pôs de pé. Não entendi o que acontecia. Imaginei que talvez não me houvessem entendido, pelo que de novo repeti o convite:

— Por favor, todos os que levantaram a mão queiram levantar-se.

Houve apenas o mais completo silêncio. Nenhuma pessoa se mexeu.

De súbito, o caríssimo David Clench, jovem missionário que estava sentado na plataforma, por detrás de mim, pôs-se de pé, adiantou-se, pôs a mão sobre o ombro do intérprete e o colocou de lado. E disse:

— Agora, dr. Smith, faça novamente o seu convite.

Embora sem compreender o que estava acontecendo, voltei-me de novo para o auditório e repeti meu convite. Num segundo, cerca de quarenta pessoas se puseram de pé. Então insisti em meu convite: — Agora, vocês que se levantaram poderiam vir até aqui à frente, por favor, e ajoelhar-se?

Sem um momento de hesitação, vieram até à frente, prostraram-se de joelhos e começaram a derramar os seus corações perante Deus.

Mais tarde, pedi a explicação do mistério ao missionário que fizera a intervenção. E ele me disse que o intérprete, perdendo a coragem, ao invés de interpretar corretamente o meu pedido: “E agora, todos os levantaram a mão poderiam levantar-se, por favor?” mudara-o completamente, interpretando-o como se eu tivesse dito: “Agora, todos os que levantaram a mão permaneçam sentados, por favor”.

O intérprete, à semelhança dos missionários céticos, havia temido os resultados. Porém, quando o jovem missionário interpretou corretamente meu convite, a resposta foi imediata.

A seguir, prosseguindo o culto, eu me preparava para explicar-lhes melhor o caminho da salvação, quando as pessoas começaram a confessar os seus pecados e a orar em voz alta. Dentro de cerca de vinte ou trinta minutos, a maioria deles já se decidira pelo Senhor Jesus Cristo. Estavam sentados à minha frente com o rosto brilhante,

regozijando-se no Salvador. Foi uma noite maravilhosa. Nenhum dos presentes poderá jamais esquecer-se dela.

Meses depois, após o meu regresso ao Canadá, o líder do grupo de missionários me escreveu e declarou que continuavam lançando apelos ao povo, que o espírito de reavivamento continuava entre eles, e que Deus continuava operando no meio deles e salvando almas.

Acredito que qualquer pessoa que tenha sido chamada para ser evangelista em seu país, pode ser evangelista nos campos missionários de qualquer região da terra. É minha firme convicção que em todas as grandes cidades dos campos missionários deveriam ser realizadas grandes campanhas de evangelização.

Meu maior prazer seria ver os evangelistas percorrerem cidade após cidade, pelo mundo inteiro, organizando o mesmo tipo de campanha que desenvolvemos em nosso país. Isso poderia apressar a evangelização do mundo inteiro.



## Capítulo 11



# **NOSSOS LEMAS MISSIONÁRIOS**

“Você deve ir ou enviar um substituto” (Oswald J. Smith).

“Esta geração só pode alcançar esta geração para Cristo”.

“A missão da Igreja é missões”.

“A qualquer lugar, contanto que seja para a frente, em Cristo” (David Livingstone).

“Penetremos mais e mais fundo nas trevas satânicas”.

“Deus quer a evangelização do mundo, mas se você se recusa a sustentar as missões, você se opõe à vontade de Deus” (Oswald J. Smith).

“Faça grandes coisas para Deus, e espere grandes coisas de Deus” (William Carey).

“A igreja que não evangeliza se fossiliza”.

“Antes de alguém ouvir o Evangelho duas vezes, que todos o ouçam pelo menos uma vez!”

“Você não pode levá-lo [o dinheiro] com você, mas pode mandá-lo adiante [ao céu, mediante missões]” (Oswald J. Smith).

“Somente quando a Igreja cumpre sua obrigação missionária é que justifica a sua existência”.

“O rico morre e deixa milhões, sem poder levar consigo nem um tostão” (William Fatler).

“A luz que alcança mais longe é aquela que brilha mais, ali perto de casa”.

“Se Jesus Cristo é Deus e morreu por mim, então nenhum sacrifício que eu fizer por Ele pode ser grande demais (C.T. Studd).

“Contribua de acordo com a sua renda, para que Deus não transforme a sua renda de acordo com a sua contribuição” (Peter Marshall).

“As possibilidades são tão maravilhosas como as promessas de Deus” (Hudson Taylor).

“Agora quero ser consumido por Deus” (Henry Martyn).

“Pode-se contribuir sem amar, mas não se pode amar sem contribuir”.

“A igreja que deixa de ser evangelística, em breve deixa de ser evangélica” (Alexander Duff).

“A questão não é bem quanto do *meu* dinheiro darei a

Deus, mas quanto do dinheiro **de Deus** reservarei para mim”.

“A tarefa suprema da Igreja é a evangelização do mundo”.

“Desconhecemos quantos milhões ainda desconhecem o Evangelho”.

“Tua tarefa única na terra é esta: salvar almas” (João Wesley).

“A simpatia não substitui a ação”.

“Só Cristo pode salvar o mundo, mas Cristo não quer salvar sozinho o mundo — conta com nossa colaboração”.

“O melhor remédio para uma igreja enferma é pô-la em dieta missionária”.

“Se nossa religião não nos impulsiona a compartilhá-la com o mundo, já está condenada aqui mesmo”.

“É possível orar ‘Venha o Teu reino’, sem nunca dizer ‘Envia-me a mim?’”

“Deus tinha um único Filho, e fez dele um missionário” (David Livingstone).

“Enquanto houver milhões de seres humanos sem a Palavra de Deus e sem o conhecimento de Jesus Cristo, ser-me-á impossível dedicar meu tempo e energia àqueles que têm ambos” (J. L. Ewen).

“A tarefa toda, de toda Igreja, é dar o Evangelho todo, ao mundo todo”.

“Por que tão poucos ouvem o Evangelho tantas vezes, e tantos nunca o ouviram nem uma vez?” (Oswald J. Smith).

“Estou destinado a proclamar a mensagem, sem importar-me com as conseqüências pessoais que me sobrevirão” (Conde Zinzendorf).

“Declaro, agora que estou morrendo, que não teria gasto minha vida doutro modo, ainda que recebesse em troca o mundo inteiro” (David Brainerd).

“Nunca me preocupei com onde viveria, nem como viveria, nem que provações teria que sofrer, desde que assim eu pudesse ganhar mais almas para Cristo” (David Brainerd).

Prezado leitor:

A impactante mensagem de *Evangelizemos o Mundo* é a continuidade do livro *O Clamor do Mundo*, também escrito por Oswald Smith, e já publicado pela Editora Vida. A Editora Vida está lançando uma série de edificantes obras escritas por este grande estrategista e incentivador de Missões. São páginas nas quais Oswald Smith expressa sua imensa paixão pelas almas. Eis a lista dos demais títulos:

- 1 — O Clamor do Mundo
- 2 — O Fogo Consumidor
- 3 — Paixão pelas Almas
- 4 — Contos do Campo Missionário
- 5 — O Homem que Deus Usa
- 6 — O País que Eu Mais Amo
- 7 — As Riquezas da Misericórdia
- 8 — O Máximo da Vida
- 9 — Vivendo a Vida
- 10 — Evangelismo em Ação
- 11 — A Salvação de Deus
- 12 — O Evangelho que Pregamos

Antes de colocar estas instrutivas e substanciosas obras em suas mãos, a Editora Vida realizou uma completa revisão lingüística, estilística e estatística das mesmas, sem, contudo, modificar o pensamento do autor.

Com a publicação destes livros, esta editora espera estar contribuindo para o despertar da consciência missionária entre as igrejas evangélicas de fala portuguesa, e para a aceleração da evangelização do mundo.

